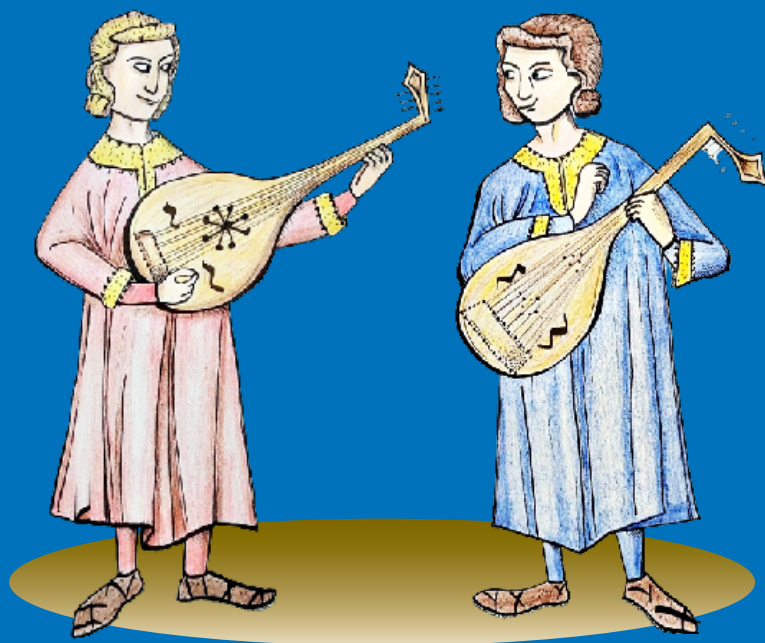


Rafael Hofmeister de Aguiar

CANTIGAS DOS TROVADORES MEDIEVAIS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO



I Cátedra Internacional
José Saramago

Universidade de Vigo

ISBN 978-840950634-7



9

788409

506347

Rafael Hofmeister de Aguiar

Cantigas dos trovadores medievais no português contemporâneo: tenções

I Cátedra Internacional
José Saramago

Universidade de Vigo

Copyright© 2023 by Rafael Hofmeister de Aguiar

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - maio de 2023

Revisão: *Rafael Hofmeister de Aguiar e Eliana Inge Pritsch*

Ilustração na capa: *Marat Vágner*

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS):

Edital nº 17/2018, de 30 de agosto de 2018 - do afastamento com substituição de docentes para capacitação/qualificação em programas de pós-graduação *stricto sensu* e pós-doutorado - Campus Rolante.

Obra desenvolvida em pesquisa de pós-doutorado em Filologia Galega na I Cátedra Internacional José Saramago da Faculdade de Filoloxía e Tradución da Universidade de Vigo (Espanha) sob supervisão do Professor Doutor Burghard Baltrusch.

I Cátedra Internacional
José Saramago

Universidade de Vigo

Universidade de Vigo
I Cátedra Internacional José Saramago

Diretor da I Cátedra Internacional José Saramago:
Burghard Baltrusch

Comissão Executiva

Burghard Baltrusch (Presidente e representante da UVigo)
Xosé Bieito Arias Freixedo (Vice-presidente e investigador permanente)
Xosé María Gómez Clemente (Secretário e investigador permanente)
María Sol Alonso Romeva (Vogal e investigadora permanente)

ISBN 978-84-09-50634-7

I Cátedra Internacional José Saramago
Facultade de Filloxía e Tradución
Praza das Cantigas s/n
36310 Vigo. Galiza. Espanha
+34 986812342
catedrasaramago@uvigo.es

Sumário

Apresentação	11
Prefácio - Tão longe, tão perto!	13
1 Pero da Pont', e[n] un vosso cantar Tenção entre Alfonso Anes de Coton e Pero da Ponte	19
2 Pero da Ponte, ou eu non vejo ben Tenção entre Afonso Eanes de Coton e Pero da Ponte	22
3 Vaasco Martins, pois trabalhades Tenção entre Afonso Sanches e Vasco Martins	23
4 Senher, ad-ars ieús venh'querer Tenção entre Arnaldo e Afonso X	26
5 Abril Peres, mut'hei eu gran pesar Tenção entre Bernal de Bonaval e Abril Peres	29
6 Vós, Don Josep, venho eu preguntar Tenção entre Estevão da Guarda e Josepe	33
7 A pergunta quer'a 'l-rei fazer Tenção entre Garcia Peres e Afonso X	36
8 Rui Martiiz, pois que ést[e] assi Tenção entre João Airas de Santiago e Rui Martins (Canton)	38
9 Pedr'Amigo, quer'ora Ña ren Tenção entre João Baveca e Pedro Amigo de Sevilha	39
10 Lourenço jogar, hás mui gran sabor Tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço	44
11 Muito te vejo, Lourenço, queixar Tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço	47
12 Joan Soares, comecei Tenção entre João Peres de Aboim e João Soares Coelho	50
13 Lourenço, soías tu guarecer Tenção entre João Peres de Aboim e Lourenço.	53

- 14 Joan Soares, non poss'eu estar
Tenção entre João Peres de Aboim e João Soares Coelho . . . 56
- 15 Vedes, Picandon, son maravilhado
Tenção entre João Soares Coelho e Picandom 58
- 16 Quen ama Deus, Lourenç', am'a verdade
Tenção entre João Soares Coelho e Lourenço 62
- 17 Ai, Pedr'Amigo, vós que vos tedes
Tenção entre João Vasques de Tavaleira e Pedro Amigo de
Sevilha 65
- 18 Joan'Airas, ora vej'eu que há
Tenção entre João Vasques de Talaveira e João Airas de
Santiago 68
- 19 Joan Soares, de pran as melhores
Tenção entre Juião Bolseiro e João Soares Coelho 71
- 20 Rodrig'Eanes, queria saber
Tenção entre Lourenço e Rodrigo Eanes de Álvares 74
- 21 Quero que julguedes, Pedro Garcia
Tenção entre Lourenço e Pero Garcia Burgalês. 77
- 22 Joan Vaásquez, moiro por saber
Tenção entre Lourenço e João Vasques de Talaveira. 79
- 23 Vós que soedes en corte morar
Tenção entre Martim Moxa e um interlocutor não
identificado 81
- 24 Ai, Pai Soárez, venho-vos rogar
Tenção entre Martim Soares e Paio Soares de Taveirós. . . . 84
- 25 Juião, quero contigo fazer
Tenção entre Men Rodrigues Tenoiro e Juião Bolseiro 87
- 26 Ûa pergunta vos quero fazer
Tenção entre Paio Gomes Charinho e Afonso X 90
- 27 Don Garcia Martiins, saber
Tenção entre Pero da Ponte e Garcia Martins 93

28	Senhor, eu quer'ora de vós saber Tenção entre Pero Garcia Burgalês e um interlocutor não identificado	96
29	Joan Baveca, fé que vós devedes Tenção entre Pero Garcia de Ambroa e João Baveca	98
30	Vi eu donas en celado Tenção entre Pero Velho de Taveirós e Paio Soares de Taveirós.	101
31	Pero Martiins, ora por caridade Tenção entre Vasco Gil e Pero Martins	104
32	Rei D.Afonso, se Deus vos perdon Tenção entre Vasco Gil e Afonso X	108
33	Pedr'Amigo, quero de vós saber Tenção entre Vasco Peres Pardal e Pedro Amigo de Sevilha.	111
	Referências.	114
	Anexo: Links para as biografias dos autores	117

Apresentação

Este livro é endereçado mais para um público amplo do que ao leitor especializado na lírica medieval galego-portuguesa, não que este não possa achar certo gosto neste trabalho, entretanto, esta obra tem o objetivo de alcançar o público leigo interessado na poesia dos trovadores que deram origem a nossa tradição poética. Por isso, apresento duas versões dos textos: a primeira no galego-português e outra no português contemporâneo. Acrescidos aos textos apresento comentários para auxiliar a compreensão dos textos poéticos. Nesses termos, considero importante detalhar um pouco mais como se constituem essas partes.

Acerca dos textos em galego-português, inicialmente, foi necessário estabelecer uma edição. Mas o que é uma edição? É a tentativa de estabelecer um texto mais ou menos definitivo, procurando chegar o mais próximo possível do que teria sido o texto original, orientando-se pelos pressupostos da filologia, que é a ciência que estuda esses textos do passado. Como foram realizadas as edições dos poemas que fazem parte deste livro? Em primeiro lugar, realizei uma transcrição dos textos a partir dos manuscritos presentes nos cancioneiros, coleções de poemas em forma manuscrita, e disponíveis na base de dados do Projeto Littera (<https://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>). Em segundo lugar, comparei as transcrições com as edições de Lopes (2011), Lapa (1995) e as presentes no Banco de Dados da Lírica Profana Galego-Portuguesa (<http://bernal.cirp.gal/ords/f?p=MEDDB3:2>). Em terceiro lugar, por fim, defini uma edição, seguindo as Normas de edición para a poesía trobadoresca galego-portuguesa medieval (FERREIRO; PEREIRO; FONTAÍÑA, 2007). Dessa forma, cheguei ao TEXTO MEDIEVAL que talvez não seja o definitivo, mas uma proposta séria de como o texto se apresentou ao mesmo em um estágio do seu longo processo de transmissão-recepção-movência.

Aos textos no português contemporâneo, chamei-os de TEXTOS MODERNIZADOS. Em tal perspectiva, realizei paráfrases, traduções em que sigo o sentido dos textos medievais. Nelas, foi-me impossível manter

a métrica, ou seja, o número de sílabas por versos, das cantigas dos trovadores. Entretanto, procurei manter a versificação, entendida aqui como o esquema de rimas de cada estrofe. O resultado disso são poemas com uma linguagem um tanto complexa, cobertos de inversões na ordem das orações, mas que não devem afastar o leitor comum, alvo deste livro. Embora essa complexidade, optei por eliminar as notas de rodapé, pois elas poderiam comprometer a fruição da leitura dos textos. Advém daí a necessidade de acrescentar explicações que facilitem a compreensão do discurso dos trovadores, segréis e jograis.

Intitulei as elucidações acerca dos textos de **COMENTÁRIOS EXPLICATIVOS**, que estão divididos em Comentário geral e Comentários por estrofe. O Comentário geral, que pode ser lido antes mesmo das cantigas, apesar de se encontrar depois delas, apresenta não só o assunto do texto como também informações históricas e esclarecimentos de conceitos, noções poéticas e sociais acerca do universo trovadoresco. Os Comentários por estrofe, por sua vez, procuram explicitar o conteúdo das estrofes que compõem as tenções, gênero aqui apresentado.

Todavia, o que é uma tenção? É um gênero de cantiga, aliando, portanto, poesia e música, em que dialogam dois poetas que defendem posições contrárias. Essas composições eram apresentadas diante de um público, podendo, inclusive, terem sido improvisadas (AGUIAR, 2018). Ao todo, foram preservadas 33 tenções no galego-português, todas elas reproduzidas, traduzidas e explicadas neste livro.

Por fim, para encerrar essa breve apresentação, não posso deixar de fazer alguns **AGRADECIMENTOS**. Primeiramente, devo me dirigir ao professor Xosé Bieito Arias Freixedo, que me auxiliou a pensar as edições e paráfrases, assim como ao professor Burghard Baltrusch, meu tutor de pós-doutorado na Universidade de Vigo. Não menos importante, é o apoio da professora Eliana Inge Pritsch que aceitou o desafio de escrever o prefácio desta obra. Também, é fundamental que eu agradeça ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul que me proporcionou, via afastamento para capacitação, que eu me dedicasse a esse trabalho como pesquisador convidado na Universidade de Vigo.

RAFAEL HOFMEISTER DE AGUIAR
Vigo, Galícia, Espanha, 10 de abril de 2020.

Prefácio

Tão longe, tão perto!

*Ondas do mar de Vigo
se vistes meu amigo?
e ai Deus, se verrá cedo?
(Martim Codax)*

Fazer a apresentação de um livro, ou do seu autor, coloca a primeira dúvida: quem vem primeiro? O ovo ou a galinha? Preferi, então começar por apresentar a vocês um pouco da trajetória de Rafael Hofmeister de Aguiar. Acompanhá-lo é, além de um privilégio, um exercício constante de encontrar no distante aquilo que nos é próximo. Foi assim já no seu Entre língua, versos e moradia: o habitar de Heidegger e a poesia de Patativa de Assaré, Trabalho de Conclusão de Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo/RS. Num estado tão meridional como o Rio Grande do Sul, o simples fato de trazer o Nordeste, o sertão, para seu olhar de pesquisa já era demonstrar, apesar da distância, o quanto somos semelhantes na apropriação de uma linguagem em sintonia com o lugar. Ainda mais buscando o filósofo alemão para conversar com nossa linguagem.

E assim continuou no seu Patativa do Assaré: voz habitante da identidade sertaneja, no Mestrado em Processos Culturais na Feevale, Novo Hamburgo/RS, quando incorpora o repente, a literatura oral e a performance como estratégias da cultura sertaneja nordestina. Novamente tão longe, tão perto. Para quem conhece o Brasil, ter um gaúcho que se lança em Assaré, pequeno município do Ceará e local de residência do poeta, como campo de pesquisa sobre Patativa e traz de lá novas perspectivas e aproximações é um estímulo. No Doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, as cantigas trovadorescas foram exploradas por meio da ideia de performance que se instaura no

poema. Assim, por meio das tenções, do dialogismo, dos motes e outras marcas estético-poéticas, pode-se percorrer um caminho até chegar ao repente nordestino. E assim chegamos à Galiza, no Pós-Doutorado pela Universidade de Vigo, com o foco específico nas tenções, as quais são o objeto desta publicação.

Qual o interesse em um tema tão distante, cronológica e geograficamente? Como não deixar de perceber essas ligações temáticas e históricas com a própria poesia e a música brasileira? De certa forma, essas ligações já foram percebidas e estudadas. As ligações das cantigas trovadorescas com as formas poéticas, a metrificacão, os temas são bastante conhecidos e evidenciam essas relações entre música e poesia. Assim, a poesia brasileira de forma geral bebeu na fonte dessas baladas, canções, cantigas. Apenas como exemplo, valeria o esforço de contar a quantidade de poemas de poetas como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Mário Quintana que se intitulam canção, cantiga, balada...

Para além da poesia formalmente publicada, as cantigas trovadorescas impregnam as canções brasileiras. E o recurso de buscar as aproximações dessas duas manifestações – cantigas e canções – nas suas formas de cantiga de amor, de amigo, de escárnio ou maldizer é uma possibilidade real quando escutamos, desde MPB até sertanejo, sem esquecer o samba, o rock e outros tantos gêneros musicais. Novamente a título de exemplo, quem já não procurou nas canções de Chico Buarque traços dessas cantigas de amor e de amigo? Quem já não fez o exercício de procurar nas canções a voz feminina ou masculina que se identificasse, respectivamente, à cantiga de amigo ou de amor? Quem já pensou que encontraríamos nos versos Ela é tão rica e eu tão pobre/ Eu sou plebeu/ela é nobre/ Não vale a pena sonhar da valsa A deusa da minha rua, de Newton Teixeira e letra de Jorge Faraj, de 1939, o desdobramento das cantigas de amor?

A manifestação poética em consonância com a música é o princípio basilar da lírica, que encontrou momentos de apogeu em determinadas épocas. Sem dúvida, o tempo das cantigas trovadorescas medievais foi um desses momentos privilegiados e a canção brasileira, notadamente no século XX, também. Por isso, as escolas, o ensino de literatura, os estudos acadêmicos voltaram seus olhos para essas relações.

No entanto, não é tarefa simples para um pesquisador brasileiro se aproximar desse universo medieval. Por isso, tão longe/tão perto dá um pouco dessa dimensão. Certamente estudar essas cantigas, como faz Rafael há bastante tempo, é uma dificuldade maior para um brasileiro, porque deslocado espacialmente, e todas as referências geográficas e históricas devem ser buscadas de forma quase que num movimento externo.

Se por um lado, as ondas do mar de Vigo chegaram ao Brasil e puderam banhar a poesia e canção brasileiras, há ainda um outro movimento a ser investigado. É o fato de que as marolas dessas influências parecem ter sido menores no contexto do extremo sul do Brasil. Dito de outro modo, as influências são mais perceptíveis numa cultura, música, poesia brasileiras produzidas no centro, no Sudeste e Nordeste brasileiros. O Rio Grande do Sul, como o estado mais meridional do Brasil, poderia parecer mais distante dessas influências. Daí também a importância dos estudos de Rafael Hofmeister ao trazer para cá essas perspectivas, das cantigas medievais ao repente nordestino, aproximando-as. Num movimento de maré, é dar a conhecer ao leitor brasileiro as origens dessas influências tão distantes cronologicamente. Noutro sentido, é dar a conhecer as reverberações aqui no Brasil dessas mesmas influências.

Se as cantigas já foram ou são bem estudadas, há uma lacuna importante no que diz respeito ao gênero das tenções. Minoritário dentro do inventário das produções medievais, as tenções evidenciam outras tantas especificidades. As ideias de performance, de desempenho dos trovadores, da “qualidade” desses trovadores – muitas vezes associada a um status social bem delimitado –, bem como os temas abordados, desdobram-se em diferentes gêneros que merecem ser estudados, colocando em circulações manifestações distantes. Interessante notar como a questão metapoética, ou a discussão da classe social do trovador são elementos recorrentes nas tenções, colocando-as assim numa profícua discussão sobre o próprio fazer poético.

Neste primeiro passo, e daí a importância desta publicação, é justamente apresentar essas tenções, trazê-las numa antologia que possibilite a leitura no seu conjunto. Se é certo que existem diferentes antologias das cantigas trovadorescas galego-portuguesas, é certo também que não se encontra com facilidade uma antologia específica das tenções. Sem dúvida,

a leitura desse conjunto permitirá que se descubram outras tantas relações: das tenções com o repente nordestino, com a poesia oral, com os desafios e, por que não dizer, inclusive com a trova gauchesca.

O conjunto das 33 tenções que compõem a antologia, como já apontado, segue a mesma dinâmica de apresentação: o texto medieval, o texto dito modernizado, um comentário geral e comentários por estrofe, permitindo ao leitor acompanhar melhor a leitura dessas tenções. No que diz respeito ao texto modernizado, é importante destacar a opção por deixá-lo próximo ao texto medieval, não fazendo uma adaptação muito distante do texto-base. Isso implica, por exemplo, a opção pela manutenção do vós como pronome de tratamento e dos verbos na 2ª. pessoa do plural. Se tal opção pode parecer quase incompreensível frente ao atual estágio da língua portuguesa, principalmente no Brasil, por outro evidencia, deliberadamente, a alternância de status entre interlocutores, como nas tenções protagonizadas pelo jogral Lourenço. Participando em sete composições do corpus – Tenções 10, 11, 13, 16, 20, 21 e 22 -, Lourenço é quase sempre tratado por tu (em seis das sete tenções) em contrapartida ao vós utilizado por ele para se dirigir a seu interlocutor. Na tenção 10, Lourenço jogar, hás mui gran sabor, entre João Garcia de Guilhade e Lourenço, essa alternância estabelece, por exemplo, a hierarquia desses papéis sociais, entre o trovador Guilhade, tratado por vós, e o jogral Lourenço, tratado por tu.

Esse cuidado em não se distanciar do texto medieval possibilita que, para além dos comentários apresentados, possa o leitor usufruir das sutilezas dessas composições. Além disso, a preservação do texto original, trazendo as marcas do idioma provençal (tenções 4 e 15), permite também perceber as relações de influências entre essas regiões, levando em conta o cenário cultural da Europa naquele momento.

No entanto, é, sem sombra de dúvida, a variedade temática que chama a atenção. Mesmo assim, é preponderante a discussão do papel social dos trovadores e dos jograis, a qualidade de seus versos, a disputa por saber quem verseja melhor, o que aproxima muito essas tenções da peleja, própria do improviso. Destacam-se ainda quatro tenções atribuídas ao rei Afonso X (tenções 4, 7, 26 e 32) que, sintomaticamente, discutem temas

muito prosaicos – a vestimenta e a alimentação do rei, por exemplo – e não a competência do versejador.

A variedade de temas e de condução das tenções permite transitar da discussão quase filosófica sobre os papéis sociais nas relações amorosas – por exemplo, quem é mais insano um nobre que se apaixona por uma mulher do povo, ou um homem do povo que se apaixona por uma nobre (Tenção 9 - Pedr'Amigo, quer'ora ùa ren) – a temas prosaicos, burlescos e até escatológicos. Por fim, nesse universo das cantigas trovadores a coita amorosa não poderia deixar de ser tema, quer na discussão de quem sofre mais por sua amada (Tenção 5 - Abril Peres, muit'hei eu gran pesar), quer em saber se o enamorado deve ou não declarar seus sentimentos (Tenção 27 - Don Garcia Martins, saber), sob pena de causar danos à reputação da mulher amada.

Enfim, essa antologia, com seus comentários, permite-nos transitar por um universo estético-musical, histórico e temático que, partindo das ondas de Vigo, chega à outra margem do Atlântico, reverberando, com certeza, muito dessas marolas nas nossas pelepas, desafios, trovas, repentes. A tarefa de Rafael em pesquisar essas tenções e esses versejadores, em organizá-los nesta publicação, permite justamente a nós que possamos acompanhar esse movimento secular – de ondas que vão e vêm – e usufruir dessa leitura. Bom proveito!

Profª. Drª. Eliana Inge Pritsch

I

Pero da Pont', e[n] un vosso cantar

Tenção entre Alfonso Anes de Coton e Pero da Ponte

TEXTO MEDIEVAL

Pero da Pont', [en] un vosso cantar,
que vós ogano fezestes d'amor,
fostes-vos i escudeiro chamar.
E dized'ora tant', ai trovador:
pois vos escudeiro chamastes i,
porque vos queixades ora de mi,
por meus panos, que vos non quero dar?

- Afons'Eanes, se vos en pesar,
tornade-vos a vosso fiador;
e de m'eu i escudeiro chamar,
e por que non, pois escudeiro for?
E se peç'algo, vedes quant'há i:
non podemos todos guarir assi
come vós, que guarides per lidar.

- Pero da Ponte, quen a mi veer
desta razon ou doutra cometer,
querrei-vo-lh'eu responder, se souber,
como trovador deve responder:
em nossa terra, se Deus me perdon,
a todo o escudeiro que pede don
as mais das gentes lhe chaman segrel.

TEXTO MODERNIZADO

Pero da Ponte, em um vosso cantar,
que, neste ano, vós fizestes de amor,
fostes-vos de escudeiro chamar.
E dissei agora uma coisa, trovador:
já que vos chamastes de escudeiro ali,
Por que vos queixais agora a mim,
pelas minhas roupas que não quero vos dar?

- Afonso Eanes, se vos desagradar,
regressai a vosso fiador;
e a respeito de eu de escudeiro me chamar,
e por que não, se escudeiro eu for?
E se peço pagamento, vedes o que há aí:
não podemos todos ganhar a vida assim
como vós, que vivestes a lidar.

- Pero da Ponte, quem a mim vier
sobre esta razão ou de outra atacar
quero vos responder, se souber,
como o trovador deve responder:
em nossa terra, que Deus me perdoe,
a todo escudeiro que pede pagamento,
a maioria das gentes lhe chama segrel.

- Afons'Eanes, est' é meu mester,
e per esto dev' eu a guarecer
e per servir donas quanto poder;
mais ãa ren vos quero [eu] dizer:
en pedir algo non dig' eu de non,
a quen entendo que faço razon,
e alá lide quen lidar souber.

- Pero da Ponte, se Deus vos perdon,
non faledes mais en armas, ca non
vos está ben, esto sabe quen quer.

- Afons'Eanes, filharei eu don
e lidade vós, ai cor de leon,
e faça quis cada quen seu mester.

- Afonso Eanes, este é o meu fazer
e por ele devo a vida ganhar
e por servir as donas o quanto puder;
mas uma coisa vos quero dizer:
pedir algo não digo eu que não
a quem entendo que faço com razão
e ali lute quem lutar souber.

- Pero da Ponte, que Deus vos perdoe,
não faleis mais em armas, pois não
vos fica bem, isto sabe pessoa qualquer.

- Afonso Eanes, receberei dom,
e lutai-vos, coração de leão,
e faça cada qual a sua arte.

Comentários explicativos

A tenção coloca em cena graus e hierarquias presentes no universo trovadoresco (LOPES, 2011). Nela, Afonso Eanes de Coton ataca Pero da Ponte por ter se denominado como escudeiro (menor título de nobreza, embora de bastante honra) em outra cantiga e lhe exigir pagamento como se fosse um simples jogral. Como resposta, Pero da Ponte ironiza a suposta vocação militar de Coton.

Estrofe 1: Afonso Eanes de Coton ataca Pero da Ponte por ter se intitulado como escudeiro e dele cobrar um pagamento (“pelos meus pãos”, v. 6 – roupas eram pagamentos dados pelos trovadores a segreiros e jograis que os acompanhavam) e indica que não lhe pagará.

Estrofe 2: Pero da Ponte manda Afonso Eanes regressar ao seu fiado e questiona o porquê não se poder se intitular de escudeiro, se assim o for. Pero da Ponte termina a estrofe ironizando as pretensões militares do adversário ao dizer que ele, Pero, precisa ganhar a vida cantando, enquanto Afonso pode viver de “lutar”.

Estrofe 3: Afonso Eanes de Coton faz referência à realização da arte de trovar como desinteressada (sem ter como objetivo ganhar dinheiro)

1 Pero da Pont', e[n] un vosso cantar
Tenção entre Afonso Anes de Coton e Pero da Ponte

ao afirmar que “todo escudeiro que pede pagamento” (v. 20) deve ser chamado de segrel, categoria inferior ao trovador e superior ao jogral.

Estrofe 4: Pero da Ponte diz que canta para se sustentar e, quando pode, desinteressadamente, faz cantigas de amor (“servir as donas”, v. 24). Afirma ainda que pede pagamento por suas atividade artísticas e volta a ironizar a pretensão militar de Coton ao dizer que “lute quem lutar souber” (v. 28), assegurando assim que ele próprio, Pero, não é um cavaleiro.

Estrofe 5: Afonso Eanes de Coton manda Pero da Ponte não falar em armas, pois isto não lhe cabe abordar.

Estrofe 6: Pero da Ponte diz que receberá o pagamento por sua atividade artística e que Afonso Eanes de Coton deve lutar, pois é um cavaleiro, e que cada um faça a sua arte: Afonso, lutando, e Pero, cantando.

2

Pero da Ponte, ou eu non vejo ben

Tenção entre Afonso Eanes de Coton e Pero da Ponte

TEXTO MEDIEVAL

- Pero da Ponte, ou eu non vejo ben,
O[u] [de] pran essa cabeça non é
a que vós antano, per boa fé,
levastes, quando fomos a Jeen,
e cuidu-m'eu [que] adormecestes
e roubador ou ladron [...]

TEXTO MODERNIZADO

- Pero da Ponte, ou eu não vejo bem
ou francamente essa cabeça não é
a que vós outro ano, por boa fé,
levastes, quando fomos a Jaén,
e julgo eu que adormecestes
e veio roubador ou ladrão [...]

Comentários explicativos

Essa é uma tenção de que só se preservaram seis versos, sendo, através desses, difícil determinar o seu conteúdo.

Estrofe: Há duas possíveis leituras para esses seis versos. Na primeira, Afonso Eanes de Coton pode estar se referindo ao fato de Pero da Ponte ter sofrido com o adultério, tendo assim recebido um “enfeite” na cabeça. Na segunda, Afonso Eanes de Coton pode estar criticando o comportamento militar de Pero da Ponte, que teria adormecido, sem efetivamente vigiar, quando da tomada de Jaén, Andaluzia, sul da Espanha, pelo infante Afonso (posteriormente, Afonso X da Castela e Leão) em 1246.

3

Vasco Martins, pois trabalhades

Tenção entre Afonso Sanches e Vasco Martins

TEXTO MEDIEVAL

- Vasco Martins, pois vós trabalhades
e trabalhastes de trobar d'amor,
do que agora, par Nostro Senhor,
quero saber de vós, que mi o digades,
dizede-mi-o, ca ben vos estará:
pois vos esta, [p]or que trobastes, já
morreu, par Deus, [senhor], por quen trobades?

- Afonso Sanches, vós [me] preguntades
e quero-vos eu fazer sabedor:
eu trobo e trobei pola melhor
das que Deus fez - esto ben'o creades;
esta do coração non me salrá,
e atenderei seu ben, se mi o fará;
e vós al de min saber non queirades.

- Vasco Martins, vós non respondedes,
nen er entendo, assi veja prazer,
por que trobades - que ouvi dizer
que aquela por que trobad'havedes,
e que amastes vós mais doutra ren,
que vos morreu há gran temp', e por en
pola morta a trobar non deveades.

TEXTO MODERNIZADO

- Vasco Martins, pois vós esforçastes
e esforçastes de trovar de amor,
o que agora, por Nosso Senhor,
quero saber de vós, que me o digais,
dizei-me, assim vos estareis:
pois esta, por quem trovastes, já
Morreu, por Deus, senhor, por quem trovais?

- Afonso Sanches, vós me perguntais
e quero vos fazer conhecedor
eu trovo e trovei pela melhor
das que Deus fez — isto bem o crede;
esta do coração não me sairá,
e aguardarei o seu bem, se me o fizer,
e vós mais nada de mim saber não queirais.

- Vasco Martins, vós não me respondais,
nem também entendo, assim veja satisfeito,
por que trovais — porque ouvi dizer
que aquela por quem tendes trovido
e que amastes vós mais do que outra coisa,
vos morreu há muito tempo, e, por isso,
pela morta, a trovar não deveis.

- Afonso Sanches, pois non entendedes
en qual guisa vos eu fui responder,
a min en culpa non deven poer,
mais a vós, se o saber non podedes:
eu trobo pola que m'en poder ten
e vence todas de parecer ben,
pois viva é, ca non como dizedes.

- Vasco Martins, pois morreu por quen
sempre trobastes, maravilho-m'en,
pois vos morreu, como non morredes.

- Afonso Sanches, vós sabede ben
que viva é e comprida de sen
a por que eu trob'; e sabê-lo-edes.

- Afonso Sanches, pois não entendais
em qual maneira eu vos fui responder,
a mim disso culpa não devem por,
mas a vós, se o saber não podeis:
eu trovo pela que em me tem em poder
e vence todas de bom parecer,
pois viva está, e não como dizeis.

- Vasco Martins, pois morreu aquela por quem
sempre trovastes, maravilho-me,
pois vos morreu, como não morrestes.

- Afonso Sanches, vós sabeis bem
que é viva e é repleta de juízo
a por quem eu trovo e isso o sabereis.

Comentários explicativos

Essa tenção é o único registro de uma composição de Vasco Martins. Nela, ele é acusado, reiteradamente, por Afonso Sanches de trovar por uma senhora que já faleceu. Vasco, no entanto, afirma que ela está viva e com saúde.

Estrofe 1: Afonso Sanches afirma que Vasco Martins se esforça por fazer trovas de amor por uma senhora que já morreu.

Estrofe 2: Vasco Martins diz que trova pela melhor mulher feita por Deus, que ela não lhe sairá do coração, aguardando que ela lhe recompense o seu amor, assim dando a entender que ela está viva.

Estrofe 3: Afonso Sanches diz que Vasco Martins não lhe respondeu, que ele, Sanches, ouviu dizer que a mulher por quem Martins trova e tem amado mais do que qualquer outra coisa está morta há muito tempo.

Estrofe 4: Vasco Martins diz que Afonso Sanches não entendeu a sua resposta, afirmando que trova por uma mulher que tem poder sobre ele, estando viva e muito bem de saúde.

3 Vaasco Martins, pois trabalhades
Tenção entre Afonso Sanches e Vasco Martins

Estrofe 5: Afonso Sanches volta a dizer que a mulher por quem Vasco Martins trova está morta e afirma estar admirado de como Martins não morreu de amor juntamente com ela.

Estrofe 6: Vasco Martins diz que Afonso Sanches sabe muito bem que a mulher por quem trova está viva.

4

Senher, ad-ars ieús venh'querer

Tenção entre Arnaldo e Afonso X

TEXTO MEDIEVAL

- Senher, ad-ars ie'us venh 'querer
un don que'm donetz, si vos plai:
que vul[h] vostr'almiral esser
en cela vostra mar d'alai;
e si o fatz, en bona fe,
c'a totas las na[u]s que la son
eu les farai tal vent de me,
c'or la van totas a mon.

- Don Arnaldo, pois tal poder
de vent'havedes, ben vos vai,
e dad'a vós dev'a seer
aqueste don; mais dig'eu: ai,
por que nunca tal don deu rei?
Pero non quer'eu galardón;
mais, pois vo-lo já outorguei,
chamen-vos "Almiral Sison".

- Lo don vos deit molt mercejar
e l'ondrat non que m'avetz mes,
e d'aitan vos vul[h] segurar
qu'en farai un vent tan cortes
que mia dona, qu'es la melhor
del mond e la plus avinen,
farei passar a la dolçor

TEXTO MODERNIZADO

- Senhor, agora vos quero requerer
que me deis um dom, se fazeis o favor:
que quero vosso almirante ser,
naquele vosso mar de lá.
E, se o fizerdes, por boa fé,
a todas as naus que lá estão
eu lhes farei um vento tal,
que logo a pique todas irão.

- Dom Arnaldo, pois tal poder
de vento conseguirdes, bem vos vai,
e dada a vós deve ser
este dom, mas digo eu: ai,
porque nunca tal dom deu o rei?
Porém não quero eu por galardão;
mas, pois a vós já outorguei,
chamem-vos "Almirante Sisão".

- O dom devo vos muito gratular
e o honrado nome que posto haveis;
por isso vos quero assegurar
que farei um vento tão cortês
que a minha dona que é a melhor
do mundo e que mais graciosidade tem
farei passar no dulçor

4 *Senher, ad-ars ieús venh'querer* *Tenção entre Arnaldo e Afonso X*

del tenps, con filhas altras cen.

- Don Arnaldo, fostes errar,
por passardes con batarês
vossa senhor a Ultramar,
que non cuid'eu que [ha]ja três
no mundo de tan gran valor;
e juro-vos, par San Vincent,
que non é bon doneador
quen esto fezer a ciente.

do tempo com outras donzelas cem.

- Dom Arnaldo, fostes errar,
por passardes por onde o vento bate
com vossa senhora a Ultramar,
que não acho que haja três
no mundo de tão grande valor;
e juro-vos, por São Vicente,
que não é bom cortejador
quem isto fizer de forma consciente.

Comentários explicativos

Essa tenção ocorre entre o trovador provençal Arnaldo, que se expressa em provençal, e Afonso X, que se manifesta em galego, então língua literária de, praticamente, toda a Península Ibérica. Isso demonstra a ampla integração da produção poética trovadoresca europeia, abrangendo, possivelmente, um amplo espaço que se estenderia da Península Itálica à Ibérica. Nessa tenção, apresenta-se um diálogo burlesco entre os dois trovadores acerca da capacidade das flatulências (peidos) de Arnaldo derrubarem navios. Isso retomaria o tema de uma tençó provençal entre o próprio Arnaldo (Arnaut Catalan) com Ugo IV de Rodez ou, menos presumivelmente, com Raimon Berenger V de Provença (TAVANI, 1993).

Estrofe 1: Arnaldo pede a Afonso X um dom, ou seja, que o torne almirante (chefe militar de um conjunto de navios), pois tem a capacidade de fazer “vento tal” (v. 7), significando peido, capaz de derrubar os navios inimigos.

Estrofe 2: Afonso X responde que acredita que Arnaldo seja capaz de dar peidos que derrubem navios e questiona o porquê de nenhum rei tenha lhe dado o título de almirante. O rei afirma que em recompensa pelos valiosos serviços de Arnaldo lhe dará o cargo e será chamado de “Almirante Sisão”, referência ao Sisão (Tetrax tetrax), ave pernalta que tem um canto que soa como um peido suspirado.

Estrofe 3: Arnaldo agradece ao rei pelo título bem como pelo nome recebido. Ele também diz que pode dar peitos suaves (“um vento tão

cortês”, v. 20) quando está junto com sua amada (a mais bela e graciosa do mundo), o que ele fará com muita doçura quando esteve com ela e outras cem donzelas, comandando os navios de que será almirante.

Estrofe 4: Afonso X afirma que Arnaldo erra por que tal propulsão dos peidos não é conveniente ao navio em que o provençal pretende viajar com a sua amada (TAVANI, 1993). Em uma outra interpretação, o rei pode estar advertindo Arnaldo de que não é conveniente um amante peidar na presença de sua amada quando a pretende cortejar (“que não é bom cor-tejador/ quem isto fizer de forma consciente”).

5

Abril Peres, mut'hei eu gran pesar

Tenção entre Bernal de Bonaval e Abril Peres

TEXTO MEDIEVAL

- Abril Peres, muit'hei eu gran pesar
da gran coita que vos vejo sofrer,
ca vos vejo come mi lazerar
e non poss'a mi nen a vós valer,
ca vós morredes come eu d'amor;
e pero x'est a mia coita maior,
dereito faç'en me de vós doer.

- Don Bernaldo, quero-vos perguntar
com'ousastes tal cousa cometer
qual cometestes en vosso trovar:
que vossa coita quisestes pōer
com a minha; que, quant'è mia senhor,
Don Bernaldo, que a vossa melhor,
tanto me faz maior coita sofrer.

- Abril Peres, fostes-me demandar
de tal demanda, que resposta non
há i mester, e convén de provar
o que dissestes das donas; enton
enmentêmo-las, e sabê-las-an,
e, poilas souberen, julgar-nos-a;
e vença quen tiver melhor razon.

TEXTO MODERNIZADO

- Abril Peres, tenho muito grande pesar
pela grande coita que vos vejo sofrer,
pois vos vejo como a mim penar
e não posso a mim nem a vós socorrer,
pois vós morreis como eu de amor;
e ainda que minha coita é maior
faço bem de vós me condoer.

- Dom Bernal, quero vos perguntar
como ousastes tal coisa empreender
tal qual acometestes em vosso trovar:
que vossa coita quisestes confrontar
com a minha; porque quanto é a minha
senhora;
Dom Bernal, melhor que a vossa,
tanto me faz maior coita sofrer.

- Abril Peres, fostes-me vós demandar
de tal demanda, que resposta não
é aí necessária, e convém provar
o que dissestes das donas, então
nomeamo-las, e conhecê-las-ão
e, quando as conhecerem, julgar-nos-ão;
e vença quem tiver melhor razão.

- Don Bernaldo, eu iria ementar
a mia senhor, assi Deus me perdon,
se non houvesse med'en lhe pesar,
eu a diria mui de coração,
ca ùa ren sei eu dela, de pran:
que, pois la souberen, conhocer-lh'-an
melhor ca quantas no mundo son.

- Abril Peres, os olhos enganar
van homen das cousas que gran ben quer;
assi fezeron-vos, a meu cuidar,
e por seer assi con'eu disser:
se vós vistes algũa dona tal,
tan fremosa e que tan muito val,
mia senhor é, ca non outra molher.

- Don Bernaldo, quero-vos conselhar
ben, e creede-m'en, se vos prouguer:
que non digades que ides amar
bõa dona, ca vos non é mester
de dizerdes de bõa dona mal
- ca ben sabemos, Don Bernaldo, qual
senhor sol sempr'a servir segrel.

- Dom Bernal, eu iria mencionar
a minha senhora, assim Deus me dê o perdão,
se eu não houvesse medo em lhe causar pesar,
eu a diria muito de bom coração,
pois uma coisa eu sei dela, realmente:
que, quando souberem quem é, a reconhecerão
como melhor do que quantas no mundo são.

- Abril Peres, os olhos enganar
vão ao homem das coisas que muito bem quer;
assim fizeram-vos, no meu entender,
e por ser assim como o meu dizer:
se vós vistes alguma dona tal,
tão formosa e que tanto muito assim vale,
minha senhora é, e não outra mulher.

- Dom Bernal, quero-vos aconselhar
bem, e acreditai nisso, se vos aprouver:
que não digais que ides amar
boa dona, pois não vos é útil
de dizerdes de uma boa dona mal
- pois bem sabemos, Dom Bernal, qual
senhora um segrel costuma servir.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Bernal de Bonaval e Abril Peres é uma das poucas tenções de amor galego-portuguesas que foram conservadas nos cancioneiros. Ela aborda o sofrimento amoroso (coita) dos dois trovadores, que disputam para saber quem padece mais por amor e possui a amada mais digna por quem sofrer. Esse debate coloca em questão o código do amor cortês. Segundo Barros (2008, p. 5), no centro dessa forma de amor, encontra-se “um ‘Amador’ que se entrega de corpo e alma a uma paixão incontrolável e ao dedicado serviço amoroso da mulher amada. E ela: uma ‘Dama’ que, aos olhos do amante apaixonado, é a mais bela e perfeita de todas as mulheres. Uma Dama, devemos acrescentar, que é em geral inatingível – ou por estar espacialmente inacessível (talvez por morar em um país distante) ou, quem sabe neste caso um obstáculo ainda mais in-

5 Abril Peres, mut'hei eu gran pesar
Tenção entre Bernal de Bonaval e Abril Peres

transponível, por ser socialmente inacessível. Nesta última situação aparece eventualmente um terceiro personagem: o ‘marido da dama’ – já que com alguma frequência a mulher eleita pelo trovador provençal ou pelo herói do romance cortês é casada ou comprometida (via de regra com um poderoso senhor feudal)”. Dessa forma, ao contrário do que sugere Bernal de Bonaval, não é permitido que o trovador revele o nome da sua amada (“Condição integrante da cortesia é a manutenção do Segredo. O Amador deve manter secreta a sua relação amorosa com a Dama, mesmo sendo uma relação idealizada e que não envolve o contato sexual”, BARROS, 2008, p. 7), mesmo que o público seja capaz de a identificar através das cantigas ou das atitudes do trovador.

Estrofe 1: Bernal de Bonaval declara que se comove com o grande sofrimento de amor por que passa Abril Peres, pois os dois padecem do mesmo mal, não havendo nada que possa fazer para o ajudar, morrendo ambos por amor. Todavia, o sofrimento de Bonaval é maior do que o do oponente, o que não impede de sentir compaixão pelo colega de tenção.

Estrofe 2: Abril Peres pergunta como Bonaval ousou comparar a sua coita (sofrimento por amor) com a dele, uma vez que a senhora a quem ama é melhor do que a do adversário, fazendo com que sofra mais.

Estrofe 3: Bernal de Bonaval admira-se de Peres reivindicar que seu sofrimento é maior e a sua senhora é a que tem mais qualidades. Diante de tal afronta, Bonaval intima o oponente a ambos dizerem quem são as suas amadas (“nomeamo-las”, v. 19), quebrando o código do amor cortês, e os ouvintes, ao conhecê-las, que julguem qual dos dois tem razão.

Estrofe 4: Abril Peres responde que pretendia dizer quem é a sua amada, entretanto não o faz para não lhe causar nenhum mal ou constrangimento. Adiciona ainda que, se os ouvintes soubessem quem ela é, certamente, a reconheceriam como a melhor senhora que se pode louvar.

Estrofe 5: Bernal de Bonaval replica que o homem é enganado por querer ver aquilo que quer ver, falseando o seu olhar sobre aquilo que quer bem; é isso que faz Peres, uma vez que, se vê uma mulher que tem tais qualidades como diz possuir a sua dama, só pode ser a amada de Bonaval e não a dele.

Estrofe 6: Abril Peres deseja dar um conselho para Bonaval: que não diga que ama uma boa dona (mulher nobre), pois todos sabem que tipo de mulher um segrel como ele ama.

6

Vós, Don Josep, venho eu preguntar Tenção entre Estevão da Guarda e Josepe

TEXTO MEDIEVAL

- Vós, Don Josep, venho eu preguntar:
pois pelos vossos judeus talhadores
vos é talhado, a grandes e meores,
quanto cada un judeu há de dar,
per qual razon Don Foan judeu,
a que já talha foi posta no seu,
s'escusa sempre de vosco reitar?

- [E]stêvan da Guarda, pode quitar
qual judeu quer de reitar os senhores,
mais na talha, graças nen amores
non lhi faran os que han de talhar;
e Don Foan já per vezes deu
do que talharon, com'eu dei do meu,
er dará mais, e querrá-se livrar.

- Don Josep, tenho por sen razon,
pois já fan vosqu' en talha igualdade
u do seu den quanto lhi foi talhado,
que per senhores haja defenson
de non peitar con'outro peitador,
como peita qualquer talhador
quanto lhi talhan, sen escusaçon.

- [E]stêvan da Guarda, per tal auçon

TEXTO MODERNIZADO

- A vós, Dom Josep, eu venho perguntar:
pois, pelos vossos judeus talhadores,
vós é cobrado, a grandes e menores,
quanto cada judeu há de dar,
por qual razão Dom Fulano judeu,
a quem já a talha foi posta no seu,
se escusa sempre de vossos bens pagar!

- Estevão da Guarda, pode eximir
qualquer judeu de pagar os seus senhores,
mas, na talha, graças nem amores
não lhe farão os que hão de talhar;
e Dom Fulano já por vezes deu
do que talharam, como eu dei do meu,
e dará mais, e quererá se livrar.

- Dom Josep, tenho por sem razão,
pois fazem convosco, em talha, igualdade,
que do seu deem o que foi talhado,
que para alguns senhores haja defesa
de não pagar como outro pagador,
como paga qualquer talhador
quanto lhe talham, sem desculpa.

- Estevão da Guarda, por tal ação

qual vós dizedes, foi já demandado
e foi per el seu feito disputado,
assi que dura na disputaçon;
e do talho non ten [i] o melhor,
ca deu gran peça; mais pois seu senhor
lha peita, quanto val tal quitaçon!
[...]

- Já Don Foan, por mal que mi quer, diz
que nego quant'hei, por non peitar nada;
e de com'ê mia fazend'apostada,
vós, Don Estêvan, sodes en ben fiz
que nunca foi de mia talha negado,
mais sabudo é, certo, apregoado,
quant'hei na terra, móvil e raiz.

- Don Josep, já [son]eu certo fiz
que do vosso non é ren sonogado,
mais é [a]tan certo e apreçado
come o vinho forte en Alhariz;
e el queria de vós, des i arreigado,
de vos haver assi [mal] espeitado
com'hoj'el é pelo maior juiz.

que vós dissestes, já foi demandado
e foi, por seu feito, litigado,
assim que dura na litigaçãõ;
e do talho não tem aí o melhor,
pois deu grande valor; mas pois seu senhor,
lha paga, quanto vale tal quitaçãõ!
[...]

- Já Dom Fulano, pelo mal que me quer, diz
que oculto quanto tenho para não pagar nada;
e no que minha propriedade é composta,
vós, Dom Estevão, sois em bem seguro,
que nunca foi de minha talha negada,
mas é sabido, certo, apregoado,
quanto tenho na terra, bens móveis e de raiz.

- Dom Josep, já tenho a certeza
que do vosso nada é sonogado,
mas é tão certo e apreçado
como o vinho forte em Alhariz ;
e ele queria de vós, arraigado,
de vos haver assim extorquido
como hoje ele é pelo maior juiz.

Comentários explicativos

Esta tenção de complicada interpretação (LOPES, 2011) e com lacunas nos manuscritos versa sobre o pagamento da talha, imposto proporcional aos bens, arrecadada pelos judeus. Nela, é relatada a acusação de que D. Josepe se aproveita de sua atividade de cobrador de impostos para não pagar corretamente a sua talha, ocultando bens. No final, Estevão da Guarda defende D. Josepe. Há, nessa tenção, a referência à função dos judeus como cobradores de impostos durante o período trovadoresco.

Estrofe I: Estevão da Guarda diz que de D. Josepe é recolhida a talha (imposto proporcional aos bens) que é devida. Entretanto, pergunta: por que, se assim o é (que é cobrado o valor justo de talha), um outro

6 Vós, Don Josep, venho eu perguntar
Tenção entre Estevão da Guarda e Josepe

judeu, identificado por Dom Fulano, o acusa de esconder bens para pagar menos impostos?

Estrofe 2: D. Josepe afirma que um judeu pode isentar de avaliar os seus senhores, todavia nada fará com que se livre de cobrar e pagar a talha. Ainda, fala que Dom Fulano pagou a sua talha, embora em um valor menor do que o devido. Dessa forma, este terá que pagar um imposto ainda maior e procurará se livrar dele.

Estrofe 3: Estevão da Guarda considera absurdo que os senhores defendam D. Josepe de não pagar igualmente como qualquer contribuinte, uma vez, no que diz respeito à talha, cada pessoa deve pagar o valor do imposto que lhe é atribuído.

Estrofe 4: D. Josepe afirma que Dom Fulano já foi citado perante o juiz por não ter pago o que devia de talha. Dom Fulano já teria apresentado os seus motivos perante o tribunal. Todavia, o valor de talha de Dom Fulano é muito alto e o terá que pagar quando houver a quitação judicial.

Estrofe 5: Após a lacuna nos manuscritos de uma estrofe com a resposta de Estevão da Guarda, D. Josepe diz que Dom Fulano, por lhe ter inveja e lhe querer mal, fala que Josepe oculta bens para não pagar a talha que é devida. No entanto, Estevão da Guarda deve ficar seguro que D. Josepe paga o que é justo, uma vez que é conhecido, de forma pública, notória e precisa, o que ele possui de bens móveis e imóveis (“quanto tenho na terra, bens móveis e de raiz, v. 35).

Estrofe 6: Estevão da Guarda afirma que está convencido que D. Josepe não sonega impostos, sendo correto e honesto como é forte o vinho em Alhariz (município da província de Ourense na comunidade autónoma da Galícia na Espanha). Ainda, diz que Dom Fulano queria que D. Josepe, como morador do mesmo local (“arraigado”, v. 40), fosse cobrado com um alto valor de impostos (“extorquido”, v. 41) como ele era pelo rei ou por Deus, o que causa dúvida pelo emprego do termo “maior juiz”, podendo se referir ao maior juiz terreno (rei) ou divino (Deus).

7

A pergunta quer'a 'l-rei fazer

Tenção entre Garcia Peres e Afonso X

TEXTO MEDIEVAL

- Ûa pergunta quer'a 'l-rei fazer, que se sol ben e aposto vestir: porque foi el pena veira trager velha 'n bon pan'? E queremos riir eu e Gonçalo Martins, que é home muit'aposto, per bõa fé, e ar querê-lo-emos en cousir.

- Garcia Pérez, vós ben cosecer podeis: nunca, de pran, foi falir en querer eu pena veira trager velha en corte, nen'a sol cobrir; pero, de tanto, ben a salvarei: nunca me dela en corte paguei, mais estas guerras nos fazem bulir.

- Senhor, mui ben me vos fostes salvar de pena veira que trager vos vi; e pois de vós a queredes deitar, se me creverdes, faredes assi: mandade logu'est'e non haja i al: deita[de-a] log'en un muraldal, ca peor pena nunca desta vi.

- Garcia Pérez, non sabedes dar

TEXTO MODERNIZADO

- Uma pergunta quero ao rei fazer que costuma bem e apropriadamente se vestir: por que foi ele a pele matizada trazer velha sobre um bom pano? E queremos rir, eu e Gonçalo Martins, que é homem muito elegante, por boa fé, e também queremos criticar.

- Garcia Peres, vós bem criticar podeis: nunca, sem dúvida, fui assim errar em querer pele matizada trazer velha na corte, nem costume vestir; porém, em tal medida, bem a justificarei: dela me servir na corte nunca gostei, mas estas guerras nos fazem desordenar.

- Senhor, muito bem vos fostes justificar da pele matizada que trazer vos vi; e pois de vós a quereis fora deitar, se me crerdes, fareis assim: mandai logo isto sem qualquer dúvida: deitai-a logo em uma lixeira, pois pele pior que esta nunca vi.

- Garcia Peres, não sabeis dar

7 A pergunta quer'a 'l-rei fazer
Tenção entre Garcia Peres e Afonso X

bon conselho, per quanto vos oí,
pois que me vós conselhades deitar
en tal logar esta pena; ca 'ssi,
[se] o fizesse, faria mui mal;
e muito tenh'ora que mui mais val
en dá-la eu a un coteif'aqui.

bom conselho, por quanto vos ouvi,
pois vós me aconselhastes jogar
em tal lugar esta pele, pois, assim,
se o fizesse, faria muito mal;
e muito tenho agora que muito mais vale,
em dá-la eu a um soldado aqui.

Comentários explicativos

A tenção gira em torno da vestimenta apresentada pelo rei Afonso X que apreciava se vestir bem, mas que se apresenta com uma pele velha em cima de elegante traje. Garcia Peres, diante disso, lhe recomenda jogar a pele no lixo, ao que Afonso X refuta, propondo dá-la a um cavaleiro-vilão.

Estrofe 1: Garcia Peres pergunta ao rei Afonso X, que costuma se vestir bem, o porquê dele usar uma pele velha (“pele matizada trazer/ velha”, vs. 3-4) por cima de um requintado traje (“um bom pano”, v. 4). Ele afirma ainda que, junto com o elegante Gonçalo Martins (personagem histórico não identificado), irá rir do rei e o criticar.

Estrofe 2: Afonso X afirma que Garcia Peres pode muito bem o criticar, contudo o rei nunca errou em usar uma pele velha sobre um bom traje na corte e que nem costuma a vestir. Entretanto, ele irá se justificar: nunca gostou de usá-la na corte, mas, no cenário de guerra em que se depara, é aceitável usar a pele velha.

Estrofe 3: Garcia Peres diz que Afonso X se justificou bem por usar uma veste velha sobre uma roupa nova, mas que o melhor que ele deve fazer é jogar a pele no lixo, pois Peres nunca viu uma pele pior.

Estrofe 4: Afonso X afirma que Garcia Peres não sabe dar bons conselhos por recomendar que jogasse a pele no lixo, o que seria fazer algo descabido, uma vez que ele a poderia dar para um cavaleiro-vilão (homem livre que não pertence a nobreza que serve nas tropas militares do rei).

8

Rui Martiiz, pois que ést[e] assi

Tenção entre João Airas de Santiago e Rui Martins (Canton)

TEXTO MEDIEVAL

Rubrica:

Esta tençon fez Joan Airas de Santiago a um que havia nome Rui To[n]so Canton e se pôs nome Rui Martiiz, e o outro respondeu-lhi

- Rui Martiiz, pois que ést[e] assi que vós já mais [non] quisestes viver em Leo[n] e nos veestes veer, dized'agora vós un preit'a mi, Rui Martiiz, assi Deus vos perdon.
[...]

TEXTO MODERNIZADO

Rubrica

Esta tenção fez João Airas de Santiago a um que havia nome Rui Tonso Canton e se pôs nome de Rui Martins, e o outro respondeu-lhe.

— Rui Martins, pois que é assim que vós já mais não quisestes viver em Leão e nos vieste ver, dizei vós agora uma coisa para mim, Rui Martins, assim que Deus vos perdoe.
[...]

Comentários explicativos

Desta tenção, somente cinco versos foram preservados, tornando-se impossível ter ideia do debate que se sucedeu entre os dois trovadores, inclusive não se podendo determinar quem foi Rui Martins. O que se pode deduzir pela rubrica é que ela trata da alteração de nome por Rui To[n]so Canton para Rui Martins.

Estrofe: João Airas de Santiago afirma que Rui Martins não quis mais viver em Leão e pretende fazer uma pergunta a este cantador. Fica no ar a questão e se ela relaciona a saída de Rui do reino de Leão com a mudança de nome, a que talvez nunca se chegará a uma resposta.

9

Pedr'Amigo, quer'ora ãa ren

Tenção entre João Baveca e Pedro Amigo de Sevilha

TEXTO MEDIEVAL

- Pedr'Amigo, quer'ora ãa ren
saber de vós, se o saber poder:
do rafeç'home que vai ben querer
mui boa dona, de quen nunca ben
atende já, e [d]o bõo, que quer
outrossi ben mui rafece molher
pero que lh'esta queira fazer ben,
qual destes ambos é de peor sen?

- Joan Baveca, tod'home se ten
con mui bon hom', e quero-m'eu teer
logo con el; mais, por sen conhecer
vos tenh'ora, que non sabedes quen
há peor sen; e, pois vo-l'eu disser,
vós vos terredes con qual m'eu tever;
e que sab'[r]edes vós que sei eu quen
[é]: o rafeç'hom' é de peor sen.

- Pedr'Amigo, des aqui é tençon,
ca me non quer'eu convosc'outorgar;
o rafeç'home, a que Deus quer dar
entendiment', en algũa sazón,
de querer ben a mui bõa senhor,
este non cuida fazer o peor;

TEXTO MODERNIZADO

— Pedro Amigo, quero agora uma coisa
saber de vós, se o saber puder:
do vil homem que vai bem querer
muito boa dona, de quem nunca bem
espera já, e do bom, que quer
também bem muito vil mulher
ainda que esta lhe queira fazer bem,
qual destes ambos é mais insensato?

— João Baveca, todo homem se mantém
com muito bom homem, e que eu ter
logo com ele; mas, por não conhecer
vos considero agora, que não sabeis quem
há pior com certeza, e, pois vou eu vos dizer,
vós vos tereis com qual eu me tiver;
é que souberdes vós que eu sei quem
é: o homem ordinário¹ é o pior certamente.

— Pedro Amigo, a partir daqui é tenção,
pois não quero eu convosco outorgar;
o ordinário homem, a que Deus quer dar
entendimento, por muito tempo,
de querer bem a muito boa senhora,
este não cuida em fazer o pior;

1 - No sentido medieval de “vilão”, ou seja, de homem ordinário, comum, não nobre.

e quen molher rafeç'a gran sazón
quer ben, non pode fazer se mal non.

- Joan Baveca, fora da razão
sodes, que m'ante fostes perguntar;
ca mui bon home nunca pod'errar
de fazer ben, assi Deus me perdon;
e o rafeç'home que vai seu amor
empregar u desasperado for,
este faz mal, assi Deus me perdon,
e est'é sandeu e estoutro non.

- Pedr'Amigo, rafeç'home non vi
perder per mui bõa dona servir,
mais vi-lho sempre loar e gracir;
e o mui bon home, pois ten cabo si
molher rafeç'e se non paga d'al,
e, pois el entende o ben e o mal
e, por esto, nõn'a quita de si,
quant'[el] é melhor, tant'erra mais i.

- Joan Baveca, des quand'eu naci,
esto vi semp'r'e oí departir
do mui bon home: de lh'a ben sair
semp'r'o que faz; mais creede per mi:
do rafeç'home que sa comunal
non quer servir e serve senhor tal,
porque o tenham por leve, por mi,
quant'ela é melhor, tant'erra mais i.

- Pedr'Amigo, esso nada non val,
ca o que ouro serv[e] e non al,
o a[va]rento semelha des i;
e parta-s'esta tençon per aqui.

- Joan Baveca, non tenho por mal
de se partir: pois ouro serv'atal
quen nunca pode valer mais per i;
e julguen-nos da tençon per aqui.

e que mulher vil por muito tempo
quer bem, não pode fazer senão mal.

— João Baveca, fora da razão
estais, que antes fostes me perguntar;
pois muito bom homem nunca pode errar
de fazer bem, assim que Deus me perdoe;
e o vil homem que vai o seu amor
empregar onde não pode ter recompensa
este faz mal, assim que Deus me perdoe,
e este é louco e este outro não.

— Pedro Amigo, vil homem não vi
perder por muito boa dona servir,
mas o vi sempre ser louvado e agradecido;
e o muito bom homem, pois tem junto a si
mulher vil e não gosta doutra coisa,
e, pois ele entende o bem e o mal
e, por isso, não a afasta de si
quanto melhor é homem, mais erra com isso.

— João Baveca, desde quando eu naci,
isto sempre ouvi comentar
do muito bom homem: de lhe a bem sair
sempre o que faz, mas crede em mim,
do vil homem que de condição igual
não quer servir e senhora tal,
porque o tenham por tolo, por mim
quanto melhor é homem, mais erra com isso.

— Pedro Amigo, isso nada vale,
pois o ouro serve e mais nada,
o avento assemelha então,
e acaba esta tenção por aqui.

— João Baveca, não tenho por mal
de se partir: pois o ouro serve a tal
quem nunca pode valer mais por aí
e julguen-nos da tenção por aqui.

Comentários explicativos

Nessa tenção, há o debate sobre quem é mais insensato: o vilão (morador da vila não pertencente à nobreza) que ama sem esperança uma dama da alta nobreza ou o homem-bom (ou seja, de certa nobreza) que ama uma mulher inferior socialmente, porém que lhe retribui o amor. João Baveca defenderá que é o vilão (talvez por que corresponderia a sua posição social) e Pedro Amigo de Sevilha a do homem-bom (“estatuto que talvez não fosse seu, mas que assume logo no início da sua intervenção” – LOPES, 2011-). Essa tenção tem relação com o debate envolvendo a que-rela das amas que gira em torno de uma cantiga de amor de João Soares Coelho em que ele trova uma mulher de classe social inferior, indo contra ao ideal trovadoresco galego-português de louvar, somente, uma mulher de condição social superior. Entretanto, a liberdade de trovar uma mulher de condição social inferior estava presente na lírica provençal. Nesse sentido, é preciso esclarecer que João Soares Coelho procura introduzir uma possível inovação provençal, enquanto João Baveca procura assegurar o seu direito como jogral, de posição inferior não só social como artisticamente, de louvar uma dama (nobre). Há um complexo circuito poético-social aqui latente de que esse comentário não poderia abranger.

Estrofe 1: João Baveca diz que quer saber uma coisa naquele momento (momento em que os dois travam a tenção): se é mais insensato o vilão (“vil homem”, v. 3 – aqui sem a carga pejorativa do termo “vil” no português brasileiro atual) querer amar uma boa dona (nobre) sem esperar retribuição ao seu amor ou um homem-bom (nobre) amar uma “vil mulher” (v. 6) – não nobre, ainda que ela lhe retribua o sentimento.

Estrofe 2: Pedro Amigo de Sevilha fala que todo homem-bom quer se aliar com outro homem-bom, por isso ele quer logo com esse se aliar, ou seja, quer defender o homem bom que ama uma mulher de condição social inferior que lhe corresponde. Assim, conclui-se que o vilão que ama uma mulher nobre sem esperar retribuição é o mais insensato. Note-se que Pedro Amigo de Sevilha, apesar de ser jogral e não ser nobre, se coloca como um homem-bom (nobre), talvez para se colocar acima de João Baveca, também jogral de origem humilde (LORENZO, 1993).

Estrofe 3: João Baveca afirma que a partir daquele momento o debate poético é tenção (“a partir daqui é tenção”, v. 17), ou seja, deixa de ser um partimen (debate poético em que um poeta apresenta um dilema de natureza amorosa e cada um defende um ponto de vista sem cair em questões de ordem pessoal) e passa a ser uma tenção (disputa que pode ser carregada de discordâncias que não se podem resultar em acordo, inclusive resultando, por vezes, em ataques pessoais), pois não pode com ele concordar. Ele diz que o vilão a quem Deus dá um bom entendimento para amar uma dona (nobre) em algum momento não faz o pior, mas aquele que ama uma mulher inferior socialmente age de maneira inadequada (“não pode fazer senão o mal”, v. 24).

Estrofe 4: Pedro Amigo de Sevilha declara que João Baveca perdeu a razão pela pergunta que fez e por transformar o partimen em tenção, pois para Pedro Amigo um bom homem (jogando com o sentido social – nobreza – e moral – boa conduta) não pode cair no erro, fazer algo errado (como amar uma mulher vil), uma vez que vilão que investe o seu amor onde não pode ter recompensa está louco, enquanto o homem bom que ama uma mulher inferior, sendo retribuído, ainda está sob o domínio da razão.

Estrofe 5: João Baveca diz que nunca presenciou um vilão perder algo por servir uma boa dona (nobre), mas sendo louvado e agradecido por sua servidão amorosa. No entanto, o homem-bom (nobre) que tem junto a si uma mulher de classe inferior e não a afasta é pior, uma vez que, quanto maior é o homem, maior erro comete ao servir uma mulher de menor condição social.

Estrofe 6: Pedro Amigo de Sevilha alega que, desde que nasceu, sempre ouviu comentar sobre o homem-bom (nobre) de que é sempre muito bom o que ele faz, em contrapartida que o homem-vilão que não quer servir de amor a uma senhora de igual condição e quer prestar servidão amorosa a uma mulher de condição superior erra muito mais.

Estrofe 7: João Baveca afirma que nada vale um amor por interesse (“pois o ouro serve e mais nada”, v. 50), pois o amante, assim, se assemelha a um avarento. Dessa forma, nesse claro ataque às pretensões de Pedro Amigo subir na escala social, Baveca declara encerrada a tenção.

9 *Pedr'Amigo, quer'ora ãa ren*
Tenção entre João Baveca e Pedro Amigo de Sevilha

Estrofe 8: Pedro Amigo de Sevilha assevera que não vê mal em terminar a tenção, pois o brilho do ouro é que ofusca o vilão e o faz fingir amar desinteressadamente uma nobre. Isto posto, devolvendo o ataque a João Baveca, que trovaria uma nobre almejando receber benefícios financeiros, ele decreta terminada a tenção.

10

Lourenço jogar, há mui gran sabor

Tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço

TEXTO MEDIEVAL

- Lourenço jogar, há mui gran sabor
de citolares, ar queres cantar,
des i ar filhas-te log'a trovar
e teens-t'ora já por trobador;
e por tod'esto ùa ren ti direi:
Deus me confonda, se hoj'eu i sei
destes mesteres qual fazes melhor!

- Joan Garcia, s'ão sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
e vós andades por mi os desloar;
pero non sodes tan desloador
que, con verdade, possades dizer
que meus mesteres non sei ben fazer;
mais vós non sodes i conhecedor.

- Lourenço, vejo-t'agora queixar:
pola verdade que quero dizer,
metes-me já por de mal conhecer,
mais en non quero tigo pelejar;
e teus mesteres conhecer-tos-ei,
e dos mesteres verdade direi:
ess'é que foi con os lobos arar.

TEXTO MODERNIZADO

- Lourenço jogral, tens muito grande vontade
de cítolar, também queres cantar,
então também te metes logo a trovar
e te consideras agora já por trovador;
e por isso uma coisa te direi:
Deus me castigue, se hoje nisso sei
desses ofícios qual fazes melhor!

- João Garcia, eu sou sabedor
os meus ofícios sempre adiante levar,
e vós andais por me censurar;
porém não sejas tão detratador
que, com verdade, possais dizer
que meus ofícios não sei bem fazer;
mas vós não sois nisso conhecedor.

- Lourenço, vejo-te agora queixar:
pela verdade que quero dizer,
metes-me já por mal conhecer,
mas sobre isso não quero contigo pelejar;
e teus ofícios conhecerei
e dos ofícios verdade direi:
esse que foi com lobos arar.

10 Lourenço jogar, hás mui gran sabor
Tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço

- Joan Garcia, no vosso trobar
acharedes muito que correger;
e leixade mi, que sei ben fazer
estes mesteres que fui começar;
ca no vosso trobar sei-m'eu com'é:
i há de correger, per bõa fé,
mais que nos meus, en que m'ides travar.

- Vês, Lourenç[o], ora m'assanharei,
pois mal i entenças, e tod'o farei.
o citolon na cabeça quebrar.

- Joan Garcia, se Deus mi perdon,
mui gran verdade dig'eu na tençon;
e vós fazed'o que vos semelhar.

- João Garcia, no vosso trovar
achareis muito o que corrigir;
e deixai-me, que sei bem fazer
estes officios que fui começar;
pois no vosso trovar sei eu como é:
lá há de corrigir, por boa fé,
mais do que nos meus, em que fostes criticar.

- Vê, Lourenço, agora me zanguiei
pois mal aqui compões, e inteiramente farei
o citolão na sua cabeça quebrar.

- João Garcia, que Deus me perdoe,
verdade muito grande digo eu na tenção;
e vós façais o que melhor vos parecer.

Comentários explicativos

Nessa tenção, há uma discussão entre o trovador João Garcia de Guilhade e o seu jogral Lourenço acerca das habilidades e competências poético-musicais do jogral. Ao que Lourenço não só se defende como também ataca Guilhade, afirmando que as cantigas de seu patrão possuem muitos defeitos a serem corrigidos. A tenção termina com o trovador ameaçando quebrar a cítola (instrumento musical medieval) na cabeça do jogral que parece se resignar ao castigo. Acerca de Lourenço, são interessantes as palavras de Tavani (1993, p. 426): “Personalidade invulgar, dotada de talento, de bons recursos técnicos e de duma capacidade de argumentação, Lourenço é uma figura de relevo na jograria medieval”.

Estrofe 1: João Garcia de Guilhade diz que Lourenço possui muita vontade de tocar e cantar e se atreve a querer ser trovador, compondo cantigas, o que lhe era vedado por ser um jogral. Ironizando, Guilhade declara não saber quais dos ofícios (tocar, cantar e compor) Lourenço faz melhor, ou seja, que não os faz bem.

Estrofe 2: Lourenço responde que sabe muito bem fazer os ofícios de tocar, cantar e compor. Afirma ainda que Guilhade não pode ser seu detrator, testemunhando que ele não sabe realizar com perfeição o seu

trabalho poético, uma vez que o trovador não conhece como deveria a arte de trovar.

Estrofe 3: João Garcia de Guilhade afirma que Lourenço se queixa por ele dizer a verdade sobre o fazer poético do jogral, ou seja, que ele não o faz bem. O trovador utiliza-se de um provérbio, hoje em desuso, para se referir a um esforço inútil – a tentativa de Lourenço em tentar se fazer trovador: “esse foi com os lobos arar”, v. 21.

Estrofe 4: Lourenço avalia que há muitos erros nos versos de Guilhade (“achareis muito o que corrigir”, v. 23), por outro lado diz que ele, o jogral, sabe fazer boas cantigas. O jogral, ainda, reafirma que há erros a corrigir nos versos do trovador, considerando existir mais erros na poesia de Guilhade do que na sua.

Estrofe 5: João Garcia de Guilhade retruca que ficou zangado por Lourenço compor mal os seus versos na tenção e ameaça quebrar a cítola na cabeça do jogral.

Estrofe 6: Lourenço não retira o que disse sobre o fazer poético de Guilhade por ter falado a verdade (“verdade muito grande digo eu na tenção”, v. 33) e diz para o trovador fazer o que quiser, aceitando, de certa forma, levar um golpe de cítola na cabeça, afinal Guilhade era o seu patrão e dependia do trovador o sustento do jogral.

II

Muito te vejo, Lourenço, queixar Tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço

TEXTO MEDIEVAL

- Muito te vejo, Lourenço, queixar
pola cevada e polo beber,
que to non mando dar a teu prazer;
mais eu to quero fazer melhorar:
pois que t'agora citolar oí
e cantar, mando que to den assi
ben como o tu sabes merecer.

- Joan Garcia, se vos en pesar
de que me queix[e] en vosso poder,
o melhor que podedes i fazer:
non mi mandedes a cevada dar
mal, nen'o vinho, que mi non dan i
tan ben com[o m']eu sempre mereci,
ca vos seria grave de fazer.

- Lourenço, a min grave non será
de te pagar tanto que mi quiser:
pois ante mi fizisti teu mester,
mui ben entendo e ben vejo já
como te pagu'; e logo o mandarei
pagar a [un] gran vilão que hei,
se un bon pao na mão tever.

TEXTO MODERNIZADO

- Muito te vejo, Lourenço, queixar
pelo comer e pelo beber,
que não mando te dar ao teu prazer;
mas eu quero te fazer melhorar:
pois que quero agora tocar te ouvi
e cantar, mando que te deem assim
quanto tu consegues merecer.

- João Garcia, se vos desagradar
de que me queixe em vosso poder
o melhor que podeis neste caso fazer:
não mandais o pão me dar
mal, nem o vinho, que não me dão aqui
tão bem como eu sempre mereci,
pois vos seria custoso de fazer.

- Lourenço, a mim custoso não será
de te pagar tanto quanto eu quiser
pois diante de mim fizeste teu ofício,
muito bem entendo e bem vejo já
como te paguei, e logo o ordenarei
pagar a um grande vilão que hei
de com um bom pau na mão que tiver.

- Joan Garcia, tal paga achará
en vós o jograr, quand'a vós veer,
mais outr'a quen [meu] mester fezer,
que m'en entenda, mui ben [mi] fará,
que panos ou algo merecerei;
e vossa paga ben'a leixarei
e pagad'[a] outro jograr qualquer.

- Pois, Lourenço, cala-t'e calar-m'-ei
e todavia tigo mi averrei,
e do meu filha quanto chi m'eu der.

- Joan Garcia, non vos filharei
algo, e mui ben vos citolarei,
e conhoso mui ben [o] trobar.

- [O] chufar, Don Lourenço, [o] chufar!

- João Garcia, tal paga achará
em vós o jogral, quando vós verdes,
senão a outro a quem meu ofício eu fizer,
que me entenda, muito bem me fará,
que roupa ou algo merecerei;
e vossa paga bem a deixarei
e pagai a outro jogral qualquer.

- Pois, Lourenço, cala-te e me calarei
e, todavia, contigo me entenderei
e de mim recebe o quanto eu te der.

- João Garcia, de vós não aceitarei
algo, e muito bem a vós tocarei
pois conheço muito bem o trovar.

- A zombar, Dom Lourenço, a zombar.

Comentários explicativos

Nesta outra tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço, o trovador fala que o jogral reclama dos pagamentos que recebe, no entanto Guilhade considera os pagamentos até excessivos, devido a baixa qualidade de Lourenço como jogral, ao que este se defende, declarando que exerce bem o seu ofício. Como na tenção “Lourenço jograr, hás mui gran sabor”, Guilhade ameaça agredir Lourenço, dessa vez pagando para um vilão lhe bater.

Estrofe 1: João Garcia de Guilhade diz que Lourenço se queixa do pouco que ganha de de seu patrão de pão e vinho (“pelo comer e pelo beber”, v. 2), pagamento habitual dos jograis. O trovador diz ainda que ouvirá, naquele momento, o jogral tocar e lhe pagará de acordo com as suas habilidade e competências.

Estrofe 2: Lourenço afirma que, caso desagrade ao patrão, ele não mande lhe dar o pão e o vinho. Diz, ainda, que merece o pagamento, pois tocou e cantou bem. Contudo, Guilhade não lhe precisa pagar se para ele

11 Muito te vejo, Lourenço, queixar
Tenção entre João Garcia de Guilhade e Lourenço

for custoso. Aqui, Lourenço parece brincar com a situação financeira do trovador que não teria condições de lhe pagar.

Estrofe 3: João Garcia de Guilhade afirma que não lhe é custoso pagar a Lourenço o que ele quiser, uma vez que ele executou bem o seu ofício de jogral. O trovador diz que a forma de pagamento será através de um vilão contratado para lhe bater com um pedaço de pau.

Estrofe 4: Lourenço declara que, com tal pagamento, Guilhade deverá encontrar outro jogral para lhe servir e que ele procurará outro trovador para quem trabalhar, este lhe entenderá e lhe pagará conforme merece. Também, assevera que deixará para outro jogral o pagamento que Guilhade lhe propõe.

Estrofe 5: João Garcia de Guilhade manda Lourenço se calar que ele se calará também e intima Lourenço a aceitar o pagamento que lhe dará.

Estrofe 6: Lourenço manifesta que não aceitará nada de Guilhade mesmo que continue tocando com ele, pois considera que sabe trovar como um trovador que canta desinteressadamente.

Estrofe 7: João Garcia de Guilhade chama, ironicamente, o jogral de Dom Lourenço e atesta que Lourenço está de zombaria.

12

Joan Soares, comecei

Tenção entre João Peres de Aboim e João Soares Coelho

TEXTO MEDIEVAL

- Joan Soares, comecei
de fazer ora un cantar,
vedes por quê: porque achei
boa razon pera trobar -
ca vej'aqui un jograron
que nunca pode dizer son
nen'o ar pode citolar.

- Joan Peres, eu vos direi
por que o faz, a meu cuidar:
porque bebe muit', [est'] eu sei;
e come fode, pois falar
non pode; por esta razon
canta el mal; mais atal don
ben dev'el de vós a levar.

- Joan Soares, responder
non mi sabedes desto ben:
non canta el mal por beber,
sabede, mais por ùa ren:
porque, des quando começou
a cantar, sempre mal cantou
e cantará, mentre viver.

TEXTO MODERNIZADO

- João Soares, comecei
fazer agora um cantar
vede o porquê: porque achei
bom assunto para trovar —
pois vejo aqui um jogralão
que nunca pode dizer som
nem ainda pode tocar.

- João Peres, eu vos direi
por que o faz, a meu julgar,
porque bebe muito, isto eu sei;
e como fode, pois falar
não pode; por essa razão
canta ele mal; mas tal dom bem
ele deve de vós levar.

- João Soares, responder
não me soubestes bem:
não canta mal ele por beber,
sabeis, mais por uma coisa:
porque, desde quando começou
a cantar, sempre mal cantou
e cantará, enquanto viver.

12 Joan Soares, comecei
Tenção entre João Peres de Aboim e João Soares Coelho

- Joan Peres, por maldizer
vos foi esso dizer alguén,
ca, pelo vinh'[e] per foder,
perd'el o cantar e o sen;
mais ben sei eu que o miscrou
alguém convosc'e lhi buscou
mal, pois vos esso fez creer.

- Joan Coelho, el vos peitou
noutro dia, quando chegou,
pois ides del tal ben dizer.

- Joan Peres, já [eu] vos dou
quanto mi deu e mi mandou
e quanto mi há de remeter.

- João Peres, por maldizer
vos foi isso dizer alguém,
pois, pelo vinho e por foder,
perde ele o cantar e o bom senso;
mas bem sei eu que o malquistou
alguém convosco e lhe buscou
mal, pois vos fez isso crer.

- João Coelho, ele vos pagou
noutro dia, quando chegou,
pois ides dele tão bem dizer.

- João Peres, já eu vos dou
quanto a mim deu e me mandou
e quanto a mim há de remeter.

Comentários explicativos

Essa tenção traz o debate entre João Peres de Aboim e João Soares Coelho sobre um jogral não nominado que é criticado por não saber tocar nem cantar. Enquanto Aboim considera que a inabilidade do jogral é inata, Coelho avalia que a vida de embriaguez e orgias sexuais causam a incompetência do jogral.

Estrofe 1: João Peres de Aboim diz que vai começar uma cantiga por ter encontrado um bom assunto para tratar: os defeitos de um jogral incapaz tanto de cantar (“dizer som”, v. 6) quanto de tocar.

Estrofe 2: João Soares Coelho afirma que dirá a Aboim o motivo do jogral canta e tocar mal, apesar de ter o dom: ele bebe muito e também tem uma intensa vida sexual, o que faz com que perca a voz. Em outra cantiga (“Fernand’ Escalho vi eu cantar bem”), a perda da voz e o cantar mal também estão associados à atividade sexual.

Estrofe 3: João Peres de Aboim declara que Coelho não soube responder à questão, uma vez que o jogral não canta mal por beber e viver uma vida de orgias sexuais, mas porque é inapto para a função: cantou e sempre cantará mal.

Estrofe 4: João Soares Coelho reitera que o jogral só canta mal por causa da vida desregrada (“pelo vinho e pelo fuder/ perde ele o cantar e o bom senso”, vs. 24-25). Ainda, acrescenta que alguém deve ter falado mal do jogral para Aboim, fazendo com que ele o malquisesse.

Estrofe 5: João Peres de Aboim acusa Coelho de ter recebido pagamento do jogral para que o defendesse e falasse bem dele.

Estrofe 6: João Soares Coelho se defende, declarando que, se recebeu alguma coisa do jogral, repassará para Aboim.

13

Lourenço, soías tu guarecer

Tenção entre João Peres de Aboim e Lourenço

TEXTO MEDIEVAL

- Lourenço, soías tu guarecer
como podias, per teu citolon,
ou ben ou mal, non ti dig'eu de non,
e vejo-te de trobar tramerter;
e quero-t'eu desto desenganar:
ben tanto sabes tu que é trobar
ben quanto sab'o asno de leer.

- Joan d'Avoin, já me cometer
veeron muitos por esta razon
que mi dizian, se Deus mi perdon,
que non sabia 'm trobar entender;
e veeron por en comig'entençar,
e figi-os eu vençudos ficar;
e cuido-vos deste preito vencer.

- Lourenço, serias mui sabedor
se me vencesses de trobar nen d'al,
ca ben sei eu quen troba ben ou mal,
que non sabe mais nẽun trovador;
e por aquesto te desenganei;
e vês, Lourenço, onde cho direi:
quita-te sempre do que teu non for.

TEXTO MODERNIZADO

- Lourenço, costumavas tu sobreviver
como podias, por teu citolão,
ou bem ou mal, não te digo eu que não,
e vejo-te de trovar te intrrometer;
e quero disto te desenganar:
tão bem sabes tu o que é trovar
quanto tão bem sabe o asno ler.

- João de Aboim, já me atacar
vieram desafiar por este motivo
que me diziam, se Deus me perdoe,
que do trovar não sabiam entender
e vieram, por isso, comigo pelejar,
e eu os fiz vencidos ficar,
e cuido deste assunto vos vencer.

- Lourenço, tu serias muito sabedor
se me vencesses no trovar ou a outro tal,
aqui bem eu sei quem trova bem ou mal,
que não sabe mais que eu nenhum trovador;
e por isso te desenganei;
e vês, Lourenço, o que te direi:
abandona para sempre o que teu não for.

- Joan d'Avoin, por Nostro Senhor,
por que leixarei eu trobar atal
que mui ben faç'e que muito mi val?
Des i ar agradece-mi-o mia senhor,
por que o faç'; e, pois eu tod'est'hei,
o trobar nunca [o] eu leixarei,
poilo ben faç'e hei [i] gran sabor.

- João de Aboim, por Nosso Senhor,
por que deixarei eu trovar tal
que muito bem faço e muito me vale?
Além disso mais me agradecia a minha senhora,
por quem o faço, e, pois tudo isto tenho,
o trobar nunca eu deixarei,
pois bem o faço e tenho grande sabor.

Comentários explicativos

Essa tenção faz referência a outra (“Joan Soares, non posso eu estar”, próxima tenção apresentada nesta obra), em que as habilidades e competências poético-musicais de Lourenço são motivos para João Peres de Aboim engrandecer-se poeticamente, uma vez que afirma que Lourenço criticou a todos os trovadores, exceto a ele. Aqui (em “Lourenço, soias tu guarecer”), porém, Aboim e Lourenço se encontram frente a frente e debatem a presunção do jogral na arte de trovar, que aptidões artísticas são ridicularizadas pelo trovador, o que não impede que Lourenço se defenda e reivindique o direito de trovar.

Estrofe 1: João Peres de Aboim atesta que Lourenço sobrevivia de qualquer maneira do seu fazer artístico como tocador de cítola (“costumavas tu sobreviver/ como podias, por teu citolão”, vs. 1-2). Entretanto, diz que o jogral se intrometeu a trovar, o que não sabe fazer, evidenciado pelo provérbio “tão bem sabes tu o que é trovar/ quanto tão bem sabe um asno ler”.

Estrofe 2: Lourenço responde que muitos já o atacaram e o desafiaram pelo motivo dele se por a trovar. Estes, todavia, não entendiam da arte de trovar e, mesmo assim, foram fazer tenções com ele (“e vieram, por isso, comigo pelejar”, v. 12), sendo vencidos pelo jogral nas disputas poéticas.

Estrofe 3: João Peres de Aboim declara que Lourenço seria muito sábio se o conseguisse vencer em uma tenção, pois ele sabe melhor que qualquer outro trovador quem trova bem ou mal, ficando subtendido que exerce bem a função de trovador. Por esse motivo, ele desiluiu o jogral, aconselhando que ele abandone para sempre o ofício de trovador (“abandona para sempre do que teu não for”, v. 21), lembrando que a condição

13 Lourenço, soías tu guarecer
Tenção entre João Peres de Aboim e Lourenço

social de Lourenço não lhe permite assumir esse estatuto trovadoresco (o de trovador).

Estrofe 4: Lourenço pergunta para Aboim o porquê dele ter que deixar de trovar, uma vez que ele o faz tão bem. Além disso, testemunha que a dama a quem serve e louva lhe agradecia por seu trovar, por isso e por Lourenço gostar muito do que faz tão bem (“pois bem o faço e tenho grande sabor”, v. 28), nunca deixará de trovar (“o trovar nunca o deixarei”, v. 28).

14

Joan Soares, non poss'eu estar

Tenção entre João Peres de Aboim e João Soares Coelho

TEXTO MEDIEVAL

- Joan Soares, non poss'eu estar
que vos non diga o que vej'aqui:
vejo Lourenço con muitos travar,
pero non'o vejo travar en mi;
e ben sei eu porque aquesto faz:
porque sab'el que quant'en trobar jaz
que mi o sei tod'e que x'è tod'en mi.
- Joan d'Avoin, oi-vos ora loar
vosso trobar e muito m'en rii;
er dize de que sabedes bojar,
ca ben'o pode des dizer assi;
e que x'è vosso Toled'e Orgaz,
e todo quanto se no mundo faz
ca por vós x'èste - dized[e] assi.
- Joan Soares, nunca eu direi
senon aquilo que eu souber ben;
e do que se pelo mundo faz, sei
que se faz [i] por mi ou por alguén;
mais Toledo nen Orgaz non poss'eu
haver; mais en trobar, que mi Deus deu,
conhosco [ben] se troba mal alguén.
[...]

TEXTO MODERNIZADO

- João Soares, não posso deixar
de vos dizer o que vejo aqui:
vejo Lourenço a muitos criticar,
porém não o vejo criticar a mim;
e bem sei eu por que isto faz:
porque sabe ele que quanto em trobar jaz
que eu na arte de trovar tudo sei.
- João de Aboim, ouvi agora louvar
vosso trovar e muito me ri;
também dissei que sabeis as velas enfunar,
porque bem podeis dizer assim;
e que são vossas Toledo e Orgaz,
e tudo quanto no mundo se faz
porque é feito por vós — dizeis assim.
- João Soares, nunca eu direi
senão aquilo que eu souber bem;
e do que pelo mundo se faz, sei
que se faz por mim ou por alguém;
mas Toledo nem Orgaz não posso eu
ter, mas em trobar, que Deus me deu,
conheço bem se trova mal alguém.
[...]

Comentários explicativos

Como relatado no comentário geral à tenção anterior (“Lourenço, soías tu guarecer”), nessa, as críticas de Lourenço à grande parte dos trovadores são usadas por João Peres de Aboim para se autoexaltar como trovador, o que é rebatido por João Soares Coelho como um defeito, pois mostra o desconhecimento de Aboim acerca das próprias limitações de seu fazer poético. A tenção chegou até nós incompleta, faltando a quarta estrofe com tréplica de Coelho e, provavelmente, as findas (estrofes finais com um número menor de versos que as anteriores, em que os debatedores concluem a sua exposição).

Estrofe 1: João Peres de Aboim declara que vê Lourenço criticar muitos trovadores, entretanto constata que o jogral nunca travou com ele uma tenção, criticando-o sobre o seu fazer poético. Segundo o trovador, isso advém do fato de que ele próprio sabe de tudo no que se refere à arte de trovar.

Estrofe 2: João Soares Coelho afirma que riu ao ouvir Aboim louvar o seu próprio trovar. Para ele, isso seria o mesmo que se Aboim dissesse que sabia fazer inflar as velas de um navio (“sabeis as velas enfunar”), que Toledo e Orgaz (dois municípios na atual Comunidade Autônoma de Castela-Mancha na Espanha) e que tudo no mundo é feito por ele. É de se observar que “enfunar” pode significar, também, se encher de orgulho e soberba.

Estrofe 3: João Peres de Aboim garante que só aborda aquilo que sabe muito bem. Ele redargue Coelho, dizendo que o que é feito no mundo é realizado por ele ou por alguém (todos participam das ações efetuadas na história da humanidade) e que Toledo e Orgaz não lhe pertencem. Todavia, ele reforça que domina a arte de trovar, sabendo quem trova bem ou mal, insinuando que Coelho é um mau trovador.

15

Vedes, Picandon, son maravilhado

Tenção entre João Soares Coelho e Picandom

TEXTO MEDIEVAL

- Vedes, Picandon, son maravilhado
eu d'En Sordel, que ouço en tenções
muitas e boas [e] en mui bõos sões,
como fui en teu preito tan errado:
pois non sabes jograria fazer,
por que vos fez per corte guarecer?
Ou vós ou el dad'ende bon recado.

- Joan Soares, logo vos é dado
e mostrar-vo-l'-ei en poucas razões:
gran dereit'hei de gaar [muitos] dões
e de seer en corte tan preçado
como segrel que diga mui ben ves,
en canções e cobras, e serventés,
e que seja de falimen guardado.

- Picandon, por vós vos muito loardes,
non vo-lo catarán por cortesia,
nen por entrardes na tafularia,
nen por beberdes, nen por pelejardes:
e se vos esto contaren por prez,
nunca Nostro Senhor tan cortês fez
como vós sodes, se o ben catardes.

TEXTO MODERNIZADO

- Vedes, Picandom, som maravilhado
eu ouvi de Sordelo, de que ouço em tenções
muito boas e em muito bons sons,
como foi em teu caso tão errado:
pois não sabes jogralia fazer,
porque vos fez na corte a vida manter?
Ou vós ou ele deem disso bem explicado?

- João Soares, logo vos é dado
e mostrar-vos-ei em poucas razões:
grande direito tenho de ganhar muitos dons
e de ser na corte tão prezado
como segrel que diga muito bons versos,
em canções e estrofes, e em sirventês,
e que seja de erro guardado.

- Picandom, pois vós muito vos louvardes,
e não vos hão de considerar isso de cortesia,
nem por entrardes na tafularia,
nem por beberdes, nem por pelejardes:
e se isto vos contarem por mérito,
nunca Nosso Senhor tão cortês fez
como vós sois, se o bem olhardes.

15 Vedes, Picandon, son maravilhado
Tenção entre João Soares Coelho e Picandom

- Joan Soares, por me deostardes,
non perçeu por esso mia jograria;
e a vós, senhor, melhor estaria
d'a tod'home de segre ben buscardes;
ca sei canções muitas e canto ben
e guardo-me de todo falimen
e cantarei, cada que me mandardes.

- Sinher, conhoso-mi-vos, Picandon,
e do que dixi peço-vos perdon
e gracir-vo-l'-ei se mi perdoardes.

- Joan Soares, mui de coração
vos perdoarei, que mi dedes don
e mi busquesdes prol per u andardes.

] - João Soares, por me injuriardes,
não perco por isso minha jogralia,
e vós, Senhor, melhor estaria
de a todo segrel o bem buscardes;
pois sei muitas canções e canto bem
e guardo-me de todo erro
e cantarei, cada vez que me mandardes.

- Senhor, reconheço sua razão, Picandom,
e do que disse peço vos perdão
e agradecê-lo-ei se me perdoardes.

- João Soares, muito de bom coração
vos perdoarei, se me derdes o dom
e me buscais proveito por onde andardes.

Comentários explicativos

Essa tenção registra o debate João Soares Coelho e o jogral Picandom que servia ao trovador provençal de origem italiana Sordello (citado, inclusive, por Dante na “Divina comédia”). Isso atesta a observação nos comentários gerais da tenção “Sénher, ad-ars ie’us venh querer” sobre um amplo espaço de abrangência do fenômeno trovadoresco. Além disso, mais do que o plurilinguismo, as duas tenções depõem sobre o galego-português como língua literária, reconhecida não só na Península Ibérica; Arnaldo, naquela tenção, apesar de pronunciar occitano, compreende, plenamente, os versos galego-portugueses de Afonso X, enquanto, nesta tenção, Picandom, não só entende os versos de Coelho, como também responde em galego-português. Fora essa questão que se refere ao contexto do Trovadorismo, em termos de conteúdo específico, a tenção aborda o ataque direto de Coelho à qualidade poética do jogral Picandom e, indiretamente, ao trovador Sordello. Como sempre ocorre nessas disputas entre trovador e jogral, em que o segundo é criticado em seus atributos poético-musicais, Picandom defende-se, declarando-se hábil no seu ofício.

Estrofe I: João Soares Coelho afirma ter ouvido maravilhado tenções e músicas muito boas de Sordello, no entanto não é o que acontece com Picandom que não sabe executar o seu ofício (“não sabes jogralia fa-

zer”, v. 5). Coelho ainda pergunta, diante da incapacidade do jogral, como ele conseguiu sobreviver com o seu trabalho na corte e pede que ele lhe explique isso muito bem. Sobre essa estrofe é importante comentar que Coelho pode estar se referindo ironicamente ao “som maravilhado” (v. 1) que ouviu de Sordello “em tenções” (v. 2), posto que há um certo número de tenções em que o trovador provençal é atacado com acusações de vagabundagem e de comportamentos homossexuais, o que pode ser uma provocação de Coelho ao jogral devido a esse contexto da vida de Sordello, isso se evidencia pela alcunha Picandom que significa “aquele que pica”, insinuando uma relação homossexual entre jogral e trovador.

Estrofe 2: Picandom responde que dará a explicação que lhe pede Coelho, ou seja, ele possui vários motivos para receber bons pagamentos e ser reconhecido na corte como segrel (note-se que ele se põe acima da condição de jogral): diz bons versos em canções, estrofes e sirventês (composições satíricas) sem incorrer em erros.

Estrofe 3: João Soares Coelho rebate, criticando Picandom por se engrandecer por causa do seu ofício poético, o que não consideraram como algo educado conforme os costumes da corte (“e não vos hão de considerar isso de cortesia”, v. 16). Coelho declara, ainda, que, por se louvar por seus méritos artísticos, o jogral não será avaliado por João, por beber ou por lutar, acrescentando que, caso ponderarem esses feitos como seu mérito, ele será mais cortês que Deus. Observe-se que jogar, beber e lutar podem ser atos ponderados como ações próprias da vagabundagem apreçada a Sordello, patrão de Picandom.

Estrofe 4: Picandom refuta que não é porque Coelho o ataca que ele irá perder a sua capacidade de executar a sua arte (“João Soares, por me injuriardes,/ não perco por isso a minha jogralia”, v. 22-23). O jogral, ainda, declara que Coelho faria melhor caso buscasse favorecer a todo segrel, pois ele, assim como seus companheiros de profissão, sabe muitas canções, canta bem, resguarda-se de qualquer erro e sempre cantará toda vez que Coelho o mandar.

Estrofe 5: João Soares Coelho dá razão para Picandom, pede perdão e agradece se ele puder lhe perdoar. Há grande possibilidade do trovador estar sendo irônico.

15 Vedes, Picandom, son maravilhado
Tenção entre João Soares Coelho e Picandom

Estrofe 6: Picandom sentencia que perdoará Coelho desde que ele lhe pague e o auxilie na sua vida profissional de segrel por onde o trovador andar.

16

Quen ama Deus, Lourenç', am'a verdade

Tenção entre João Soares Coelho e Lourenço

TEXTO MEDIEVAL

- Quen ama Deus, Lourenç', am'a verdade,
e farei-ch'entender por que o digo:
home que entençon furt'à seu amigo
semelha ramo de deslealdade;
e tu dizes que entenções faes
que, pois non rimam e son desiguaes,
sei m'eu que x'as faz Joan de Guilhade.

- Joan Soares, ora m'ascuitade:
eu hõuvi sempre lealdade migo;
e quen tan gran parte houvesse sigo
en trobar con'eu hei, par caridade,
ben podia fazer tenções quaes
fossen, ben feitas; e direi-vos mais:
lá com Joan Garcia baratade.

- Pero, Lourenço, pero t'eu oía
tençon desigual e que non rimava,
pero essa entençon de ti falava,
[o] Demo lev'esso que teu criia:
ca non cuidei que entençon soubesses
tan desigual fazer, nen'a fezesses;
mas sei-m'eu que x'a fez Joan Garcia.

TEXTO MODERNIZADO

- Quem ama a Deus, Lourenço, ama a verdade,
e te farei entender por que o digo:
homem que tenção furta de seu amigo
assemelha-se a um ramo de deslealdade;
e tu dizes que tenções faz
aliás, pois não rimam e são desiguais,
sei eu que quem as faz é João de Guilhade.

- João Soares, agora me escutai
houve sempre lealdade comigo;
e quem tão bem soubesse consigo
trovar como eu sei, por caridade,
bem podia fazer tenções quais
fossem, bem feitas, e vos direi mais:
lá com João Garcia discutir.

- Porém, Lourenço, porém de ti eu ouvia
tenção desigual e que não rimava,
porém essa tenção de ti falava,
o diabo me leve se era tua criação:
pois não julguei que tenção soubesses
tão desiguais fazer, nem as fizesses;
sei eu que quem as faz é João de Guilhade.

16 Quen ama Deus, Lourenç', am'a verdade
Tenção entre João Soares Coelho e Lourenço

- Joan Soares, par Santa Maria,
fiz eu entençon, e ben'a iguava,
com outro trovador que ben trovava,
e de nós ambos ben feita seria;
e non vo-lo posso eu mais jurar;
mais se [un] trovador mig'entençar,
defender-mi-lh'hei mui ben todavia.

- João Soares, por Santa Maria,
fiz eu a tenção, e bem metrificada
com outro trovador que bem trovava,
e de nós ambos bem feita seria;
e não vos posso eu mais jurar;
mas, se um trovador comigo tencionar
defender-me eu sei muito bem sempre.

Comentários explicativos

Nessa tenção entre o trovador João Soares Coelho e o jogral Lourenço, novamente, as qualidades poéticas do jogral são questionadas. Entretanto, as críticas de Coelho a Lourenço funcionam como forma de atacar a João Garcia de Guilhade, trovador a quem Lourenço serve como acompanhante poético-musical, afirmando que o jogral roubou versos que possuíam defeitos de métrica e versificação de Guilhade.

Estrofe 1: João Soares Coelho enuncia que aquele que ama a Deus ama a verdade como forma de exigir sinceridade de Lourenço. Declara que quem rouba versos de um amigo assemelha-se a um ramo de deslealdade, referência à pintura da “Árvores dos pecados e da virtude”, presente na iconografia medieval. Diante disso, o trovador considera que o jogral diz, constantemente, que faz tenções, entretanto elas não podem ser compostas por ele, devido aos erros de versificação e de métrica (“não rimam e são desiguais”, v. 6), só podendo, assim, serem obra de João Garcia de Guilhade.

Estrofe 2: Lourenço manda Coelho lhe escutar naquele momento (“agora me escutai”, v. 8), expõe que sempre foi leal, e que aquele que sabe trovar tão bem quanto ele pode compor tenções bem estruturadas em métrica e em versificação. O jogral finaliza a estrofe, ordenando que Coelho vá debater com João Garcia de Guilhade, posto que o seu problema é com ele.

Estrofe 3: João Soares Coelho insiste que ouvia Lourenço cantar uma tenção que tinha problemas de métrica e versificação (“tenção desigual e que não rimava”, v. 16). Ele exclama que o diabo o carregue (“o diabo me leve”, v. 18) se a tenção fosse composição de Lourenço, pois nem o jogral seria capaz de elaborar uma composição com tantos defeitos (“pois

não julguei que tenção soubesses/ tão desigual fazer”, vs. 19-20); somente João Garcia de Guilhade a poderia ter composto.

Estrofe 4: Lourenço assevera que foi ele quem concebeu a tenção, juntamente com outro trovador, e, ao contrário do que disse Coelho, ela é bem construída em termos de métrica, pois tanto ele como o seu adversário são exímios cultores da arte de trovar. Por fim, assegura que não pode jurar mais nada, a não ser que sempre saberá se defender muito bem de qualquer trovador que vier debater com ele em tenções (“mas um trovador comigo tencionar/ defender-me eu sei muito bem sempre”, v. 27-28).

17

Ai, Pedr'Amigo, vós que vos teedes

Tenção entre João Vasques de Tavaleira e Pedro Amigo de Sevilha

TEXTO MEDIEVAL

- Ai, Pedr'Amigo, vós que vos teedes
por trobador, agora o verei
eno que vos ora preguntarei
e no recado que mi tornaredes:
nós que havemos mui bon rei por senhor,
e no-lo alhur fazem emperador,
dize-de-mi ora quant'i entendedes.

- Joan Vaásquiz, pois me cometedes,
dizei-vos eu quant'i entend'e sei:
pois nós havemos aquel melhor rei
que no mund'há, porque non entendedes
que o seu prez e o seu valor
todo noss'é, pois emperador for?
O demo lev'o que vós i perdedes!

- Ai, Pedr'Amigo, eu non perderia
en quant'el-rei podesse mais haver
en bõa terra e en gran poder,
ca quant'el mais houvesse, mais valria;
mais perde o rein'e vós perdedes i,
os que sen el ficaredes aqui,
pois que se el for d'Espanha sa via.

TEXTO MODERNIZADO

- Ai, Pedro Amigo, vós que vos achais
trovador, agora verei
no que agora a vós preguntarei
e na resposta que retornareis:
nós que temos muito bom rei por senhor,
e noutro lugar fazem-no imperador,
dizei-me agora quanto disso entendeis.

- João Vasques, pois me desafiais,
dir-vos-ei eu quanto disso entendo e sei:
pois nós temos aquele melhor rei
que no mundo há, porque não entendeis
que o seu melhor preço e o seu valor
todo nosso é, quando imperador for?
O demo desfruta que vós aí perdeis!

- Ai, Pedro Amigo, eu não perderia
enquanto o rei pudesse mais ter
em boa terra e em grande poder,
pois quanto mais tivesse, mais valeria;
mais perde o reino e vós perdeis aí,
os que sem ele ficareis aqui,
pois que ele, o rei, ia de Espanha e partia.

- Joan Vaásquiz, eu ben cuidaria
que o reino non há por que perder
por el-rei nosso senhor mais valer,
ca rei do mund'ê, se se vai sa via!
Valrá el mais, e nós [já] per el i;
de mais quis Deus que ten seu filh'aqui,
que se s'el for, aqui nos leixaria!

- Ai, Pedr'Amigo, pois vos já venci
desta tençon que vosco cometi,
nunca ar migo filhedes perfia.

- Joan Vaásquiz, sei que non é 'ssi
desta tençon, ca errastes vós i
e dix'eu ben quanto dizer devia.

- João Vasques, eu bem cuidaria
que o reino não há por que perder
pelo nosso rei mais valer,
pois rei do mundo é, ia e partia!
Valerá ele mais, e nós por ele aí;
no mais quis Deus que temos seu filho aqui,
que, se ele for, aqui nos deixaria.

- Ai, Pedro amigo, pois já vos venci
esta tenção que convosco cometi,
nunca comigo volteis com teimosia.

- João Vasques, sei que não é assim
nesta tenção, pois errastes vós aí,
e disse eu bem o quanto dizer deveria.

Comentários explicativos

Essa tenção versa sobre as tentativas de Afonso X de Castela e Leão em tornar-se imperador do Sacro Império Romano-Germânico, im-passe que dura, ao menos, de 1257 a 1275, quando Afonso X procurou negociar o cargo com o papa Gregório X; negociação infrutífera que levou o monarca a renunciar a sua pretensão pelo trono imperial. No debate entre João Vasques de Talaveira e Pedro Amigo de Sevilha, este defende que Afonso X se tornando imperador aumentaria a honra de Espanha; aquele argumenta que Espanha perderia um bom rei se ele se tornasse imperador.

Estrofe 1: João Vasques de Talaveira dirige-se a Pedro Amigo de Sevilha afirmando que este se considera trovador e, por isso, deverá responder bem à pergunta que lhe fará: o que ele pensa quando se tem um bom rei e ele se torna imperador em outro lugar?

Estrofe 2: Pedro Amigo de Sevilha responde que foi desafiado e dirá o que compreende sobre o assunto, do qual é muito entendido e conhecedor. Ele declara que a Espanha possui o melhor rei que existe no mundo, sendo justo ele se tornar imperador, e que se Talaveira não considera bom o rei se tornar imperador é porque ele não compreende o valor do monarca, ou seja, não atina que, como ele é tão valoroso, é legítimo se tornar

17 Ai, Pedr'Amigo, vós que vos tedes
Tenção entre João Vasques de Talaveira e Pedro Amigo de Sevilha

soberano do Império. No final da estrofe, conclui que o diabo fica contente (“o demo desfruta”, v. 14) com Talaveira e todos os outros súditos perderem por não terem Afonso X como imperador.

Estrofe 3: João Vasques de Talaveira replica que ele não perderia nada caso o rei pudesse ter em outra terra um grande poder, pois ele teria mais valor quanto mais autoridade tivesse. Entretanto, Pedro Amigo perderia assim como todos os espanhóis se rei fosse embora da Espanha, pois ficariam sem ele.

Estrofe 4: Pedro Amigo de Sevilha refuta, argumentando que o reino não perde pelo monarca ter mais valor e se tornar soberano do Sacro Império Romano-Germânico (“rei do mundo é, se ia e partia”, v. 25), deixando a Espanha. Ao se tornar imperador, não só Afonso X se engrandeceria como também todos os espanhóis (“valerá ele mais, e nós por ele aí”, v. 26). Além disso, Deus quer que ele deixe na Espanha o seu filho (príncipe herdeiro D. Fernando de la Cerda, que não chegou a reinar por ter falecido aos 19 anos em 25 de junho de 1275) que saberá governar tão bem quanto o pai.

Estrofe 5: João Vasques de Talaveira sentencia que venceu a disputa poética e que Pedro Amigo não deve nunca mais com ele discutir.

Estrofe 6: Pedro Amigo de Sevilha protesta que não pode ser como Talaveira concluiu, pois ele disse tudo o que deveria dizer, vencendo a tenção.

18

Joan'Airas, ora vej'eu que há Tenção entre João Vasques de Talaveira e João Airas de Santiago

TEXTO MEDIEVAL

- Joan'Airas, ora vej'eu que há
Deus mui gran sabor de vos destruir,
pois vós tal cousa fostes comedir:
que, de quantas mulheres no mund'há,
de todas vós gran mal fostes dizer,
cativ', e non soubestes entender
o mui gran mal que vos sempr'en verrá.

- Joan Vaásquiz, sempr'eu direi já
de mulheres moito mal, u as vir;
ca, porque eu foi end'ũa servir,
sempre mi gran mal quis e querrá já;
por gran ben que lh'eu sabia querer,
casou-s'ora, por mi pesar fazer,
con quen'a nunca amou nen amar.

- Joan'Airas, non tenh'eu por razon
d'as mulheres todas caeren mal
por end'ũa sóo, que a vós fal,
ca Deu'lo sabe que é sen razon;
por end'a vós ãa tolher o sen
e dizerdes das outras mal por en,
errades vós, assi Deus mi perdon.

TEXTO MODERNIZADO

- João Airas, agora eu vejo que há
Deus muito grande gosto de vos destruir,
pois vós tal coisa fostes cometer:
que, de quantas mulheres no mundo há,
de todas vós grande mal fostes dizer,
infeliz, e não soubestes entender,
o muito grande mal que sempre vos virá.

- João Vasques, sempre eu direi já
de mulheres muito mal, onde as vir;
pois fui aí a uma servir,
sempre grande mal me quis e quererá já,
por grande bem que lhe sabia querer,
casou-se agora, para meu grande pesar fazer,
com quem nunca a amou nem amar.

- João Airas, eu não tenho isso por razão
das mulheres todas procederem mal
por causa de uma só, que a vós falha,
pois Deus sabe que é sem razão;
por uma a vós tolher o juízo
e dizerdes mal das outras por isso,
errais vós, assim que Deus me dê o perdão.

18 Joan'Airas, ora vej'eu que há
Tenção entre João Vasques de Talaveira e João Airas de Santiago

- Joan Vaásquiz, todas taes son
que, pois virem que non amades al
senon elas, logo vos faran tal
qual fez a min ãa; e todas son
aleivosas; e quen lhis desto ben
dísser, atal prazer veja de quen
[quer] que mais amar no seu coração.

- Joan'Airas, vós perdestes o sen,
ca enas mulheres semp'r'houve ben
e haverá já, mais pera vós non.

- Joan Vaásquiz, non dizedes ren,
ca todos se queixan delas por en,
senon vós, que filhastes por en don.

- João Vasques, todas tais são
que, se virem que não amais outra pessoa
senão elas, logo vos farão tal
qual fez a mim uma; e todas são
traidoras, e quem lhe disto bem
dizer, igual prazer veja eu quem
quer que mais amar no seu coração.

- João Airas, vós perdestes a razão,
pois nas mulheres sempre houve bem
e haverá já, mas para vós não.

- João Vasques, não dizeis nada,
pois todos se queixam delas por isso,
senão vós, que recebestes para isso comissão.

Comentários explicativos

Nesta tenção entre João Vasques de Talaveira e João Airas de Santiago, os dois trovadores, aparentemente, debatem a partir de uma cantiga de escárnio que não foi preservada, em que Santiago teria falado mal de todas as mulheres. Talaveira assevera que o adversário não poderia julgar negativamente todas as mulheres por uma delas não ter lhe tratado como ele esperava, enquanto Santiago reafirma o seu desprezo pelo gênero feminino, acusando o oponente de receber pagamento de alguma mulher para a defender.

Estrofe 1: João Vasques de Talaveira afirma que Deus terá muito prazer em destruir João Airas de Santiago, pois ele cometeu um grande erro: falar mal de todas as mulheres. Segundo Talaveira, Santiago foi muito infeliz nesse sentido e um grande mal virá para o castigar por essa falha.

Estrofe 2: João Airas de Santiago responde que sempre falará mal das mulheres em todo local que for, porque ele serviu a uma mulher e esta sempre lhe quis mal e continuará a não lhe querer. Ainda acrescenta que, para aumentar o seu sofrimento, ela casou com um homem que nunca a amou nem a amará.

Estrofe 3: João Vasques de Talaveira replica que não vê motivo para Santiago declarar que todas as mulheres agem mal por causa de uma que errou com ele. Acrescenta que Deus sabe que isso é sem sentido e que o oponente só pode ter ficado louco para falar mal de todas as mulheres.

Estrofe 4: João Airas de Santiago sustenta que todas as mulheres agem mal, caso uma delas percebesse que o sujeito a ama mais do que qualquer coisa no mundo, ela fará mal ao amante assim como fez aquela a quem ele ama. Ele prossegue com a acusação de que todas as mulheres são traidoras e terão prazer em fazer mal a quem lhes ama de todo coração.

Estrofe 5: João Vasques de Talaveira sentencia que Santiago ficou louco (“vós perdestes a razão”, v. 29), pois sempre houve e sempre haverá algo bom nas mulheres, embora ele não consiga perceber e não tenha recompensa amorosa.

Estrofe 6: João Airas de Santiago manda Talaveira não dizer mais nada, pois ele é o único que não se queixa das mulheres, talvez por ter recebido algum pagamento para as defender.

19

Joan Soares, de pran as melhores

Tenção entre Juião Bolseiro e João Soares Coelho

TEXTO MEDIEVAL

- Joan Soárez, de pran as melhores terras andastes, que eu nunca vi: d'haverdes donas por entendedores mui fremosas, quaes sei que há i, fora razon; mais u fostes achar d'irdes por entendedores filhar sempre quand'amas, quando tecedores?

- Juião, outros mais sabedores quiseron já esto saber de min, e en todo trobar mai[s] trobadores que tu non és; mais direi-t'ò que vi: vi boas donas tecer e lavrar cordas e cintas, e vi-lhes criar, per bõa fé, mui fremosas pastores.

- Joan Soárez, nunca vi chamada mulher ama, nas terras u andei, se por emparament'ou por soldada non criou mês, e mais vos en direi: enas terras u eu soía viver, nunca mui bõa dona vi tecer, mais vi tecer algũa lazerada.

TEXTO MODERNIZADO

- João Soares, sem dúvida pelas melhores terras andastes, que eu nunca vi: haver donas por pretendentes muito formosas, tais quais sei que há aí, seria acertado, mas onde fostes achar de ir por pretendentes aceitar sempre amas ou tecedeiras.

- Julião, outros mais sabedores quiseram já isto saber de mim, e em todo trovar mais trovadores o que tu não és; mas direi a ti o que vi: vi nobres donas tecer e trabalhar cordas e cintas, e vi-lhe amamentar, por Deus, muito formosas jovens.

- João Soares, nunca vi chamada mulher como ama, nas terras onde andei, se por nomeação ou pagamento por um mês, e mais ainda vos direi: e nas terras onde eu fora viver, nunca muito boa dona vi tecer, mas vi tecer quando adoentada.

- Juião, por est', outra vegada,
com outro tal trobador entencei;
fiz-lhe dizer que non dizia nada,
com'or'a ti desta tençon farei;
vi boas donas lavar e tecer
cordas e cintas, e vi-lhes teer
mui fremosas pastores na pousada.

- Joan Soárez, u soia viver,
non tecen donas, nen ar vi teer
berç'ant'o fog'a dona muit'honrada.

- Juião, tu debes entender
que o mal vilan non pode saber
de fazenda de bõa dona nada.

- Julião, por isso, outra vez,
com outro trovador entencei;
fiz-lhe dizer que não dizia nada,
como agora a ti nesta tenção farei;
vi boas donas trabalhar e tecer
cordas e cintas, e vi-lhes ter
muitas formosas pastoras na pousada.

- João Soares, onde eu fora viver,
não tecem donas, nem também vi ter
o berço diante do fogo dona muito honrada.

- Julião, tu debes entender
que o mau vilão não pode saber
do que faz uma nobre dama nada.

Comentários explicativos

Essa tenção entre o jogral Juião Bolseiro e o trovador João Soares Coelho remete, diretamente, ao debate que ficou conhecido como “Que-rela das amas” ou “Questão das amas”. Essa polêmica deu-se a partir da cantiga de amor “Atal vej'eu aqui ama chamada”, de Coelho, em que ele, ao invés de louvar uma mulher nobre, como exigia a tradição galego-portuguesa, resolveu exaltar uma ama de leite, talvez como tentativa de introduzir o parâmetro da poesia provençal: podia-se trovar tanto uma nobre como uma plebeia. No debate entre o jogral e o trovador, Bolseiro se diz impressionado por alguém tão viajado e erudito quanto Coelho ter tido a ideia de elevar uma ama de leite à condição de “boa dona”. A partir daí, segue a discussão sobre o que é uma “boa dona” até que, no final do poema, o trovador diz que um vilão como o jogral não pode saber o que faz uma “boa dona”.

Estrofe I: Juião Bolseiro declara que Coelho viajou pelas melhores terras e pergunta onde ele encontrou amas e tecelãs dignas de aceitar como pretendentes, pois o jogral só achou mulheres nobres e formosas como possíveis amantes.

19 Joan Soares, de pran as melhores
Tenção entre Juião Bolseiro e João Soares Coelho

Estrofe 2: João Soares Coelho responde que trovadores muito mais sábios e hábeis na arte de trovar do Bolseiro, que nem sequer é trovador, já vieram lhe questionar sobre o assunto. Mesmo assim, ele declara que viu mulheres nobres não só fazerem cordas e cintas como também amamentarem.

Estrofe 3: Juião Bolseiro expõe que, por onde ele andou, nunca presenciou uma mulher ser chamada de ama quando desempenhou uma função pelo tempo inferior a um mês (tempo mínimo que era considerado para alguém ser encarado como profissional em um ofício). O jogral acrescenta, também, que nunca testemunhou uma mulher nobre tecer, a não ser como entretenimento quando estava doente.

Estrofe 4: João Soares Coelho afirma que, em outra oportunidade, realizou uma tenção com outro trovador sobre o assunto e fez com que ele dissesse que não falava nada coerente, o que efetivará com Bolseiro nessa tenção. Ele reafirma que viu muitas mulheres nobres trabalharem e tecerem cordas e cintas e completa que viu muitas pastoras e babás belas em hospedarias.

Estrofe 5: Juião Bolseiro relata que, nos lugares onde morou, nunca se deparou com mulheres nobres tecendo ou com um berço diante do fogo (índice de pobreza: a estrutura das casas das pessoas desvalidas fazia com que precisassem se aquecer diante do fogo).

Estrofe 6: João Soares Coelho apela para a condição social de Bolseiro para determinar que o jogral não sabe nada sobre como é uma “boa dona” por ser apenas um vilão.

20

Rodrig'Eanes, queria saber

Tenção entre Lourenço e Rodrigo Eanes de Álvares

TEXTO MEDIEVAL

- Rodrig'Eanes, queria saber
de vós por que m'ides sempre travar
em meus cantares; ca sei ben trobar;
e a vós nunca vos vimos fazer
cantar d'amor nen d'amigo; e por en,
se quered'lo que eu faço ben
danar, terrán-vos por sen conhecer.

- Lourenço, tu fazes i teu prazer
en querer tan muito loar,
ca nunca te vimos fazer cantar
que ch'en querrá nen'o Demo dizer.
Com'esso dizes, ar di ùa ren:
que és homen mui comprido de sen
e bon meestr'[e] que sabes leer.

- Rodrig'Eanes, sempr'eu loarei
os cantares que mui ben feitos viir,
quaes eu faço; e quen os oír
pagar-s'-á deles; mais vos eu direi:
dos sarilhos sodes vós trobador,
ca non faredes un cantar d'amor
por nulha guisa qual eu [o] farei.

TEXTO MODERNIZADO

Rodrigo Eanes, queria saber
de vós por que ides sempre me criticar
em meus cantares, pois sei bem trovar;
e a vós nunca vos vimos fazer
cantar de amor nem de amigo, e por isso,
se quereis o que eu faço bem
condenar, terão a vós por seu desconhecer.

- Lourenço, tu fazes ao teu prazer
em te querer tão bem louvar,
pois nunca te vimos fazer um cantar
que nem o demo quererá dizer.
Como isso dizes, me diz outra coisa:
que és homem de muito bom senso
e bom mestre e que sabes ler.

- Rodrigo Eanes, sempre eu louvarei
os cantares que muito bem feitos vier,
quais eu faço, e quem os ouvir
gostará deles, mas eu vos direi:
dos sarilhos sois vós trovador,
pois não fazeis um cantar de amor
por maneira alguma tal qual o farei.

20 Rodrig’Eanes, queria saber
Tenção entre Lourenço e Rodrigo Eanes de Álvares

- Lourenç’, enas terras u eu andei,
non vi vilan tan mal departir;
e vejo-te [en] trobares cousir
e loar-te; mais ùa cousa sei:
de tod’homen que entendido for,
non haverá en teu cantar sabor,
nen cho colherán en casa del-rei.

- Rodrig’Eanes, u meu cantar for,
non acharei rei nen emperador
que o non colha - mui ben eu o sei.

- Lourenço, tenho que és chufador;
e vejo-t’ora mui gran loador
de pouco sen, [e] non cho creerei.

- Lourenço, nas terras onde andei,
não vi vilão tão mal explicar;
e vejo-te em trobares criticar
e louvar-te, mas uma coisa eu sei:
de todo homem que entendido for
não haverá em teu cantar sabor,
nem te acolherão na casa do rei.

- Rodrigo Eanes, onde o meu cantar for,
não acharei nem rei nem imperador
que não o acolha — muito bem eu sei.

- Lourenço, tenho que és zombador;
e vejo-te agora muito louvador
de pouco senso, e não te crerei.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Lourenço e Rodrigo Eanes de Álvares caracteriza-se como um contra-ataque do jogral às críticas negativas do trovador às suas cantigas. O jogral afirma que o adversário não é capaz de compor nenhum tipo de cantiga, ao que o trovador responde que as composições do oponente são de qualidade poético-musical desprezível. Caso as críticas de Álvares a Lourenço tenham se dado em alguma cantiga ou tenção anterior a essa, tal(is) poema(s) não foi(ram) preservado(s) nos cancioneiros galego-portugueses, restando essa tenção de sua co-autoria e uma cantiga de amigo (“Ai amiga, tenh’eu por de bon sen”) atribuída ao trovador.

Estrofe 1: Lourenço quer saber o motivo de Álvares criticar o seu fazer poético-musical, quando ele sabe trovar bem. O jogral acrescenta que o trovador nunca foi visto fazendo cantigas de amor ou de amigo, por isso, se ele julgar mal as cantigas que Lourenço faz e executa, será considerado um ignorante por todos (“ter-vos-ão por um sem conhecer”, v. 7).

Estrofe 2: Rodrigo Eanes de Álvares responde que Lourenço age impulsivamente, dizendo coisas à toa (“Lourenço, tu fazes ao teu prazer”, v. 8) ao se autoelogiar, pois as suas cantigas são tão ruins que nem o diabo

as vai querer cantar (“que nem o demo quererá dizer”, v. 11). O trovador ironiza o jogral ao declarar que é um bom mestre na arte de trovar e que sabe ler (denunciando o provável analfabetismo do oponente).

Estrofe 3: Lourenço alega que sempre louvará os cantares que ele julgar bem feitos como os que faz, sendo que quem os escutar gostará muito deles. O jogral ainda afirma que o trovador nunca fará cantigas de amor de igual qualidade das que ele faz e declara que Álvares é trovador de sarilhos. Nesse sentido, a palavra “sarilho” pode ter duas acepções: 1) uma espécie de dobradura em que se enrolam as linhas de tecer em uma espécie de novelo, alusão à confusão dos versos de Álvares; e 2) o público do trovador: vilões metidos em confusões e desordens e não a nobreza.

Estrofe 4: Rodrigo Eanes de Álvares relata que nunca, em todas as terras em que esteve, viu alguém responder tão mal quanto Lourenço, manifesta que o jogral só sabe se autoelogiar e criticar os outros, no entanto ninguém que seja entendido na arte de trovar terá prazer com o seu cantar e ele nunca será admitido a executar a sua arte poética na corte.

Estrofe 5: Lourenço diz que sabe muito bem que não encontrará rei ou imperador que não o acolha em sua corte onde ele for cantar.

Estrofe 6: Rodrigo Eanes de Álvares assevera que Lourenço é um zombador e que não tem juízo em perfeitas condições ao se autoelogiar.

21

Quero que julguedes, Pedro Garcia

Tenção entre Lourenço e Pero Garcia Buralês

TEXTO MEDIEVAL

- Quero que julguedes, Pero Garcia,
d'antre min e tôdolos trobadores
que de meu trobar son desdezidores:
pois que eu hei mui gran sabedoria
de trobar e de o mui ben fazer,
se hei culpa no que me van dizer,
julgade-o, sen tod'a bandoria.

- Don Lo[urenço], muito me cometedes,
e en trobar muito vos ar loades;
e dizem esses con que vós trobades
que de trobar nulha ren non sabedes,
nen rimades nen sabedes iguar;
e pois vos assi travan en trobar,
de vos julgar, senhor, non me coitedes.

- Don Pedro, en como vos ouç'i falar,
ou vós ben non sabedes julgar,
ou já dos outros ofereçon havedes.

- Don Lourenço, vejo i vos posfaçar;
mais quen non rima nen sabe iguar,
se eu juizo dou, queixar-vos-edes.

TEXTO MODERNIZADO

- Quero que julgai, Pero Garcia,
dentre mim e todos trovadores
que do meu trovar são detratores:
pois que eu tenho muito grande sabedoria
de trovar e do muito bem fazer,
se tenho culpa no que vão dizer,
julgai-o, sem tomar uma bandeira.

- Dom Lourenço, muito desafiastes,
e em trovar muito também vos louvastes,
e dizem esses com quem vós trovastes
que de trovar coisa alguma não sabeis,
nem rimar nem sabeis metrificar;
e pois vos assim criticam em trovar,
de vos julgar, senhor, não me pressioneis.

- Dom Pedro, em como vos ouço aí falar,
ou vós bem não sabeis julgar,
ou já de outros subornos recebestes.

- Dom Lourenço, vejo-vos ser escarnecido;
mas quem não rima nem sabe metrificar,
se eu juízo dou, queixar-vos-eis.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Lourenço e Pero Garcia Buralês versa, novamente, sobre as habilidades e competências trovadorescas do jogral. Nela, Lourenço exige de Buralês um julgamento acerca dos ataques que sofre de outros trovadores. Como Pero Garcia procura se esquivar e não fazer juízo de valor sobre o assunto, é acusado de receber suborno para assim se posicionar. Devido a haver uma lacuna considerável entre a primeira e a segunda estrofe no manuscrito e a curta extensão do poema (duas estrofes de sete versos e duas findas de três versos), é provável que ele tenha sido conservado incompleto no Cancioneiro da Vaticana.

Estrofe 1: Lourenço afirma que possui conhecimento sobre o trovar e o sabe fazer muito bem, pergunta a Buralês qual é o seu julgamento, se ele tem culpa dos ataques de que é vítima, desde que esse seja imparcial e leve em conta a qualidade poética, sem tomar em conta as posições sociais (“sem tomar uma bandeira”, v. 7).

Estrofe 2: Pero Garcia Buralês responde que Lourenço desafia muitos trovadores e se autoelogia sobre sua arte poética, por isso os que foram desafiados o atacam, dizendo que ele não conhece a arte de trovar e não compõe cantigas seguindo a métrica e versificação. Contudo, Buralês se abstém de julgar as habilidades e competências poético-musicais de Lourenço.

Estrofe 3: Lourenço declara que Buralês não sabe julgar o que é um bom trovar ou recebeu suborno para não avaliar bem os seus versos e a sua execução musical.

Estrofe 4: Pero Garcia Buralês explica que vê Lourenço ser ofendido pelo seu trovar. Todavia, ele não pode dar seu parecer sobre quem não sabe versificar nem metrificar um poema sem desagradar Lourenço, o que se situa como uma desaprovação da atividade poético-musical do jogral.

22

Joan Vaásquez, moiro por saber

Tenção entre Lourenço e João Vasques de Talaveira

TEXTO MEDIEVAL

- Joan Vaásquez, moiro por saber
de vós por que leixastes o trobar
ou se foi el vos primeiro leixar;
ca vedes o que ouço a todos dizer:
ca o trobar acordou-s'en atal:
que 'stava vosco en pecado mortal
e leixa-vos, por se non perder.

- Lourenço, tu veens por aprender
de min, e eu non cho quero negar:
eu trobo ben quando quero trobar,
pero non o quero sempre fazer;
mais di-me ti, que trobas desigual:
se te deitan por en de Portugal,
ou se matast'hom', ou roubast'haver.

- Joan Vaásquez, nunca roubei ren,
nen matei homen, nen ar mereci
porque mi deitassen, mais vin aqui
por gaar algo; e pois sei iguar-mi ben
como o trobar vosso; mais estou
que se perdia [con]vosc'e quitou-
-se de vós; e non trobades por en.
[...]

TEXTO MODERNIZADO

- João Vasques, morro por saber
de vós porque deixastes o trovar
ou se foi ele primeiro a vos deixar;
pois vedes o que ouço a todos dizer:
pois o trovar chegou à conclusão:
que estava convosco em pecado mortal
e deixou-vos, para não se perder.

- Lourenço, tu vens para aprender
de mim, e eu não quero te negar:
eu trovo bem quando quero trovar,
mas não o quero sempre fazer;
mas dizes tu, que trovas desigual:
se te deitam por isso de Portugal,
ou se mataste homem ou a roubar foste ter.

- João Vasques, nunca roubei nada,
nem matei homem, nem também mereci
por que me deitassem, mas vim aqui
para ganhar algo e sei metrificar bem
como o trovar vosso, mas estou
que o trovar se perdia convosco e afastou-
-se de vós; e não trovastes por isso.
[...]

Comentários explicativos

Essa tenção entre Lourenço e João Vasques de Talaveira foi preservada, provavelmente, incompleta no Cancioneiro da Vaticana, faltando, ao menos, a quarta estrofe com a resposta de Talaveira. Nela, Lourenço personifica o trovar, dizendo que ele abandonou o trovador por estarem vivendo uma relação pecaminosa: Talaveira não é hábil em seu ofício. A isso, o trovador argumenta que Lourenço deve aprender com ele e que o jogral deve ter sido expulso de Portugal. Parece evidente, pela recorrente menção de Lourenço ao abandono do trovar, a referência à desistência da função de trovador por Talaveira.

Estrofe 1: Lourenço declara que tem enorme curiosidade (“morro por saber”, v. 1) o porquê de Talaveira ter deixado de trovar ou se foi o trovar quem o deixou, por considerar que a atividade poética do trovador era ruim e não queria (o trovar) perder o seu estatuto de arte ([o trovar] “estava convosco em pecado mortal/ e deixou-vos, para não se perder”, vs. 6-7).

Estrofe 2: João Vasques de Talaveira responde que Lourenço foi fazer a tenção para que pudesse aprender com ele, o que o trovador não irá negar de ensinar, pois trova bem quando o quer fazer e nem sempre tem o interesse em trovar. Todavia, ele não compõe versos com falas de métrica como Lourenço (o verso 7 possui uma sílaba a menos no manuscrito). Por esse defeito no exercício de sua função ou por ter cometido algum crime (“ou mataste homem ou roubar foste ter”, v. 16), o jogral foi expulso de Portugal.

Estrofe 3: Lourenço defende-se das acusações, alegando que nunca roubou, matou ou fez algo que desse motivo para o expulsarem de Portugal. Ele considera que sabe metrificar bem e que está ali para garantir o seu sustento (“para ganhar algo”, v. 18). Retomando a personificação do trovar, sentencia que Talaveira foi deixado pelo trovar por não saber executar bem a sua arte, sendo esse o motivo para não mais compor e cantar versos.

23

Vós que soedes en corte morar

Tenção entre Martim Moxa e um interlocutor não identificado

TEXTO MEDIEVAL

Rubrica

Esta cantiga foi feita en tempo del-rei Don Afonso, a seus privados

- Vós que soedes en corte morar, desses privados queria saber se lhes há privança muit'a durar: ca os non vejo dar nen despender, ante os vejo tomar e pedir; e o que lhes non quer dar ou servir non pode ren con el-rei adubar.

- Destes privados non sei novelar senon que lhes vejo mui gran poder e grandes rendas e casas ganhar; e vejo as gentes muito empobrecer [e] con probeza, da terra sair; e há el-rei sabor de os ouvir, mais eu non sei que lhe van conselhar.

- Sodes de cort'e non sabedes ren; ca mester faz a tod'homen que dê, pois à corte por livrar algo ven; ca, se dar non quer, por end'escass'ê;

TEXTO MODERNIZADO

Rubrica

Esta cantiga foi feita no tempo do rei Dom Afonso, a seus privados

- Vós que costumais na corte morar, desses privados queria saber se seus conselhos há de muito durar: pois os não vejo dar nem despender, antes os vejo tomar e pedir; e os que não querem dar ou servir não podem coisa alguma com o rei tratar.

- Destes privados não sei mais falar senão que lhes vejo com muito grande poder e grandes rendas e casas ganhar; e vejo as gentes muito empobrecer e com a pobreza, da terra sair; e tem o rei gosto de os ouvir, mas eu não sei o que lhe vão aconselhar.

- Sois da corte e não sabeis nada; pois é conveniente que todo homem dê, que a corte por tratar algo vem; pois, se não quer dar, é considerado avaro,

pense de dar, non se trabalhe d'al;
e se non der, non pod'adubar al,
ca os privados queren que lhes den.

pense em dar, não se esforce em mais nada;
e se não der não pode tratar sobre nada,
pois os privados querem que lhe deem.

Comentários explicativos

Essa tenção possui problemas ao que se refere à atribuição de autoria. Segundo Carolina Michaëlis Vasconcelos (1990), ela teria ocorrido entre Martim Moxa e Lourenço. Todavia, Resende (1994) afirma que ela deve ser incluída na obra de Pedro de Barcelos, tese que não encontra sustentação em Tavani (1993) que assevera que se deve seguir a atribuição a Martim Moxa como indicam os manuscritos dos cancioneiros. Dessa forma, preferiu-se incluí-la como composição de Martim Moxa, reservando a dúvida quanto a quem seria o seu interlocutor, uma vez que o tema está distante daqueles que o jogral versou na sua obra conservada nos cancioneiros. Nela, dois interlocutores debatem sobre as verdadeiras funções dos “privados do rei” (conselheiros reais), enfocando os seus atos de corrupção. A tenção, provavelmente, foi registrada incompleta nos cancioneiros, uma vez que não há, ao menos, a quarta estrofe com a resposta do segundo interlocutor. Ainda, devido a não ser possível definir quem canta cada estrofe, denominou-se de interlocutor 1 e interlocutor 2 cada um dos debatedores.

Estrofe 1: O interlocutor 1 afirma que o interlocutor 2 mora na corte e, por isso, poderá falar sobre os conselheiros reais que vivem a tomar e pedir recompensas para que os súditos possam ter audiências com o rei, negando o acesso ao monarca àqueles que não lhes paguem suborno.

Estrofe 2: O interlocutor 2 responde que não pode acrescentar muita coisa sobre os conselheiros reais, a não ser que os vê ganhando muito dinheiro e propriedades, enquanto o povo empobrece e perde as suas propriedades (“vejo as gentes muito empobrecer/ e com a pobreza, das terras sair”, vs. 11-12). Mesmo assim, o rei os ouve, porém, o interlocutor 2 não sabe quais são os conselhos que os “privados” lhe dão.

Estrofe 3: O interlocutor 1 admira-se do seu adversário morar na corte e não saber nada sobre o assunto, uma vez que é conveniente que todo aquele que lá for para tratar algo com o rei pague subornos aos con-

23 Vós que soedes en corte morar
Tenção entre *Martim Moxa* e um interlocutor não identificado

selheiros, caso contrário, será considerado avarento (“pão duro”) e não poderá ter audiência com o monarca. Em resumo, quem não subornar os “privados” não conseguirá uma sessão com o soberano.

24

Ai, Pai Soárez, venho-vos rogar

Tenção entre Martim Soares e Paio Soares de Taveirós

TEXTO MEDIEVAL

- Ai, Pai Soárez, venho-vos rogar
por un meu homen que non quer servir,
que o façamos, mi e vós, jograr,
en guisa que possa per i guarir;
pero será-nos grave de fazer,
ca el non sabe cantar nen dizer
ren, per que se pague del quen'ò vir.

- Martin Soárez, non poss'eu osmar
que no-l'as gentes queiran consentir
de nós tal homen fazemos poiar
en jograria; ca, u for pedir,
algu[é]n ve[e]rá o vilan se[e]r,
trist'e [no]joso e torp'e sen saber,
e haver-s'-á de nós e del riir.

- Paai Soárez, o hom'é de seu
trist'e nojoso e torp'e sen mester;
pero faremos nós de[], cuido-m'eu,
jograr, se ende voss'ajuda houver;
ca lhe daredes vós esse saion,
e porrei-lh'eu nome jograr "Sison";
e con tal nome gualrá per u quer.

TEXTO MODERNIZADO

- Ai, Paio Sorares, venho-vos rogar
por um homem que não quer servir,
que o façamos, eu e vós, jogral,
de maneira que possa assim a vida provir;
mas nos será difícil de fazer,
pois ele não sabe cantar nem dizer
nada, de modo a agradecer quem cantar o vir.

- Martim Soares, não posso eu imaginar
que as gentes queiram consentir
de nós tal homem fazemos elevar
em jogralia, pois, por onde for pedir,
alguém verá o vilão ser
triste e nojoso e torpe sem saber,
e haverá de nós e dele rir.

- Paio Soares, o homem é de seu
triste e nojoso e torpe e sem serventia;
mas nós faremos dele, cuida-me eu,
jogral, se disse vossa ajuda houver;
pois lhe darei vós esse saio,
e pô-lo-ei nome de jogral "Sisão";
e com tal nome ganhará a vida onde quiser.

24 Ai, Pai Soárez, venho-vos rogar
Tenção entre Martim Soares e Paio Soares de Taveirós

- Martin Soárez, a mi [non m']é greu de lh'o saion dar; e, pois que lho der, non diga el que lho nuluh'omen deu; e, se o el per ventura disser, mui ben sei eu que lhe dirán enton: "Confunda Deus quen te deu esse don, nen quen te fezo jograr nen segrer!"

- Martim Soares, a mim não é difícil de lhe dar o saio; e, depois que lho der, não diga ele que algum homem lhe deu, e, se ele porventura disser, muito bem sei eu que lhe dirão então: "Confunda Deus quem te deu esse dom, nem quem te fez jogral nem segrer!"

- Paai Soárez, tenho por razon de poiar já o vilão grodon [e] des i, posface del quen quiser.

- Paio Soares, tenho por razão, de apoiar já o vilão glutão e, desde então, fale mal dele quem quiser.

[...]

[...]

Comentários explicativos

Nessa tenção entre o trovador português Martim Soares e o trovador galego Paio Soares de Taveirós, os dois debatem sobre a possibilidade de transformarem um criado do português em jogral. Os dois concordam que o sujeito não possui habilidades e competências para exercer esse ofício, todavia Martins Soares acredita que se pode tentar, enquanto Paio Soares de Taveirós é, radicalmente, contrário. Há de se registrar que a tenção, provavelmente, foi conservada incompleta no Cancioneiro da Biblioteca Nacional, faltando a finda do trovador galego.

Estrofe 1: Martim Soares pede que Taveirós interceda por um homem que já não quer ser um criado para que consiga ganhar a vida como jogral ("que o façamos, eu e vós, jogral/ de maneira que possa assim a vida provir", vs. 3-4), agradando a quem o ouvir cantar. Todavia, esse homem não sabe entoar cantigas nem falar sobre qualquer assunto.

Estrofe 2: Paio Soares de Taveirós responde que não é possível que as pessoas permitam que os dois elevem esse homem à condição de jogral, uma vez que, onde ele for exercer o seu ofício, logo verão que ele é um vilão nojento, triste e desconhecedor da arte de trovar, sendo ele e os dois trovadores que o avalizaram motivos de risos e zombarias.

Estrofe 3: Martim Soares concorda que o homem é triste, nojento e sem nenhuma qualidade, mas insiste em designar como jogral, solicitando

do a ajuda de Taveirós. O trovador português afirma que lhe dará um saio (roupa usada por jograis, segréis e trovadores), que lhe chamará de jogral Sisão (referência ao Sisão - Tetrax tetrax, ave pernalta que tem um canto que soa como um peido suspirado) e, com esse nome, o sujeito conseguirá ganhar a vida em qualquer lugar.

Estrofe 4: Paio Soares de Taveirós responde que não é difícil para ele dar o saio para o homem e que, após ter lhe dado, ele não deve dizer que alguém lhe deu a vestimenta, entretanto, se ele o disser, as pessoas falarão que quem lhe deu está em grande confusão mental, pois ele não é capaz de ser nem jogral nem segrel.

Estrofe 5: Martim Soares insiste que apoiem o vilão porcalhão na sua transformação em jogral e que, após isso, quem quiser que fale mal dele.

25

Juíão, quero contigo fazer

Tenção entre Men Rodrigues Tenoiro e Juíão Bolseiro

TEXTO MEDIEVAL

- Juíão, quero contigo fazer,
se tu quiseres, ãa entençon:
e querrei-te, na primeira razon,
ũa punhada mui grande poer
eno rostro, e chamar-te rapaz
mui mau; e creio que assi faz
boa entençon quen'a quer fazer.

- Meen Rodriguiz, mui sen meu prazer
a farei vosc', assi Deus me perdon:
ca vos haverei de chamar cochon,
pois que eu a punhada receber;
des i trobar-vos-ei mui mal assaz,
e atal entençon, se a vós praz,
a farei vosco mui sen meu prazer.

- Juíão, pois [con]tigo começar
fui, direi-t'ora o que te farei:
ũa punhada grande te darei,
des i querrei-te muitos couces dar
na garganta, por te ferir peor,
que nunca vilão haja sabor
doutra tençon começo começar.

TEXTO MODERNIZADO

- Juíão, quero contigo fazer,
se tu quiseres, uma tenção:
e querer-te-ei, na primeira razão,
um soco muito grande suceder
no rosto, e chamar-te de rapaz
muito mau e creio que assim faz
boa tenção quem a quer fazer.

- Mem Rodrigues, muito sem meu prazer
a farei convosco, assim que Deus me dê perdão,
pois vos haverei de chamar vilão,
depois quer eu o soco receber;
também trovar-vos-ei muito mal assaz,
e tal tenção, se a vós apraz,
a farei convosco muito sem meu prazer.

- Juíão, pois contigo começar
fui, dir-te-ei agora o que te farei:
um soco grande te darei,
e também quererei muitos coices te dar
na garganta, para te ferir pior,
que nunca vilão tenha sabor
doutra tenção comigo começar.

- Meen Rodriguiz, querrei-m'emparrar,
se Deus me valha, como vos direi:
coteife nojoso vos chamarei,
pois que eu a punhada recadar;
des i direi, pois sô os couces for:
“Le[í]xade-m'ora, por Nostro Senhor”,
ca assi se sol meu padr'a emparrar.

- Juião, pois que t'eu [ora] filhar
pelos cabelos e que t'arrastrar,
ah que dez couces te presentarei!

- Meen Rodriguiz, se m'eu trosquiar,
ou se me fano, ou se m'encostar,
ai, trovador, já vos non tornarei!

- Mem Rodrigues, quero me defender,
se Deus me vale, como vos direi:
soldado reles vos chamarei,
depois que eu o soco receber;
e mais direi, depois sob os coices for:
“Deixais-me agora, por Nosso Senhor”,
pois assim costuma o meu pai se defender.

- Juião, depois que eu te agora agarrar
pelos cabelos e que te arrastar,
ah que dez coices te apresentarei!

- Mem Rodrigues, se eu desmaiar,
ou se me cortar, ou se me desencarnar,
ai, trovador, já não vos responderei.

Comentários explicativos

Essa tenção entre o trovador Mem Rodrigues Tenoiro e o jogral Juião Bolseiro é marcada pelas ameaças de agressão do trovador ao jogral. Lopes (2011) atribui as declarações de Tenoiro de hostilidades físicas como um recurso cômico, entretanto, como sugere Minervini (1993), essa intimidação pode se dar pelo próprio ambiente de demarcação social do Trovadorismo, em que “se afirma a arrogante segurança que permite ao nobre Tenoiro, com força do seu consolidado poder, ameaçar o jogral” (MINERVINI, 1993, p. 454).

Estrofe 1: Mem Rodrigues Tenoiro declara que quer fazer uma tenção com Bolseiro e a iniciará proferindo um soco no rosto do jogral e o chamando de um jovem vilão (“rapaz”, v. 5). Para o trovador, essa é a maneira com que se executa uma boa tenção.

Estrofe 2: Juião Bolseiro responde que fará a tenção com Tenoiro sem muito prazer, denominando-o de vilão após receber o soco de que foi ameaçado na estrofe anterior. Ainda, assevera que o adversário trova muito mal, sugerindo que, por esse motivo, pretende partir para a violência física. Por fim, reforça que executará a tenção, embora com desprazer.

25 Juião, quero contigo fazer
Tenção entre Mem Rodrigues Tenoiro e Juião Bolseiro

Estrofe 3: Mem Rodrigues afirma que, já que iniciou a tenção com Bolseiro, dirá o que lhe fará: dar-lhe-á um soco muito grande, assim como proferirá muitos chutes em sua garganta, com o intuito de que nunca mais um vilão tenha vontade e gosto de desafiá-lo para uma tenção.

Estrofe 4: Juião Bolseiro apela que quer se defender, chamando o oponente de soldado desprezível (“coteife”, como aparece no texto medieval, era um termo depreciativo – Lopes, 2011) após receber o soco. Acrescenta que, depois de receber os chutes, implorará por Deus que lhe deixe de bater, como faz o seu pai, o que pode sugerir que o pai de Juião fosse criado do trovador, recebendo o mesmo tratamento violento de Tenoiro.

Estrofe 5: Mem Rodrigues Tenoiro assume que vai agarrar Juião pelos cabelos e o arrastar pelo chão, golpeando-o, ainda, com dez chutes.

Estrofe 6: Juião Bolseiro finaliza, ironicamente, que, se ele desmaiar, cortar-se ou morrer com os golpes de Tenoiro, não poderá mais continuar a tenção (“já não vos responderei”, v. 34).

26

Ûa pergunta vos quero fazer

Tenção entre Paio Gomes Charinho e Afonso X

TEXTO MEDIEVAL

- Ûa pergunta vos quero fazer, senhor, que mi devedes afazer: por que viestes jantares comer, que home nunca de vosso logar comeu? [E] esto que pode seer, ca vej'ende os herdeiros queixar?

- Pa[a]i Gómez, quero-vos responder, por vos fazer a verdade saber: houu[e] aqui reis de maior poder [em] conquerer e en terras ganhar, mais non quen houvesse maior prazer de comer, quando lhi dan bon jantar.

- Senhor, por esto non dig'eu de non, de bem jantardes, ca é gran razon; mailos herdeiros foro de Leon querrian vosco, porque han pavor d'haver sobre lo seu vosc'entençon e xe lhis parar outr'ano peor.

TEXTO MODERNIZADO

- Uma pergunta quero vos fazer, senhor, que me deveis satisfazer, por que viestes o almoço comer, onde nunca homem de vossa posição comeu? E isto que pode ser, pois vejo disso a comitiva real se queixar?

- Paio Gomes, quero vos responder, para vos fazer a verdade saber: houve aqui reis de maior poder em conquistar e terras ganhar, mas não quem houvesse maior prazer de comer, quando lhe dão de bom para almoçar.

- Senhor, por isso não digo eu que não, de bem almoçardes, pois é grande razão; mas os herdeiros do foro de Leão queriam convosco, porque têm pavor de haver sobre isso convosco tensão e lhes proporcionar um outro ano ainda pior.

26 Ûa pregunta vos quero fazer
Tençon entre Paio Gomes Charinho e Afonso X

- Pa[a]i Gómez, assi Deus mi perdon,
mui gran temp'há que non foi em Carrion,
nen mi deron meu jantar en Monçon;
e por esto non são peccador,
de comer ben, pois mi o dan en doaçõn,
ca de mui bon jantar hei gran sabor

- Paio Gomes, assim Deus me dê perdão,
muito grande tempo há que fui em Carrion,
nem me deram meu almoço em Monzón;
e por isso não são peccadores,
de comer bem, depois que me dão em doaçõn,
pois de muito bom almoço tenho grande sabor.

Comentários explicativos

Essa tençon entre Paio Gomes Charinho e Afonso X gira em torno da obrigação dos súditos e servos de alimentarem aos soberanos, seus senhores e suas comitivas. Nela, Charinho assume a defesa daqueles que eram explorados pelos apetites do soberano e seus acompanhantes, enquanto Afonso X procura se defender. No texto medieval, aparece o termo “jantar”, todavia, considerando o sentido atual do galego “xantar” como equivalente ao “almoçar” no português brasileiro atual, provavelmente, a expressão refere-se a essa refeição.

Estrofe 1: Paio Gomes Charinho questiona Afonso X sobre o motivo dele ir almoçar em um local onde nunca um rei comeu. Sobre essa atitude, Charinho afirma que os descendentes do fundador do mosteiro (sentido da palavra “herdeiro” na época) onde o monarca foi comer reclamam da gulodice do rei e da sua comitiva.

Estrofe 2: Afonso X responde que outros reis com maiores poderes e conquistas não possuem maior prazer que ele em comer bem quando lhe oferecem um bom almoço. De acordo com o soberano, essa é a verdade que Charinho deve saber (“para vos fazer a verdade saber”, v. 8).

Estrofe 3: Paio Gomes Charinho declara que é justo o rei almoçar bem, entretanto os integrantes da comitiva real gostariam que lhes fosse aplicado o foro de Leão, que isentava os cidadãos dessa cidade da obrigação de dar refeições gratuitas ao soberano. Ainda assim, eles não reclamam para não entrarem em conflito com o monarca e acabarem tendo um ano pior de colheita (“e lhes parar em outro ano pior”, v. 18) por causa de sanções reais.

Estrofe 4: Afonso X redargui que foi em Carrion e Monzón (municípios espanhóis) que não lhe deram almoço, entretanto não aplicou nenhuma sanção à população por não a considerar errada (“não são pecadores”, v. 22). Acrescenta que gosta de comer bem quando lhe dão a refeição como presente.

27

Don Garcia Martiins, saber

Tenção entre Pero da Ponte e Garcia Martins

TEXTO MEDIEVAL

- Don Garcia Martiins, saber
queria de vós ùa ren:
de quen dona quer m[u]i gran ben
e lhi ren non ousa dizer
con medo que lhi pesarà
e non'o possa mais sofrer,
dizede-mi se lho dirà,
ou que mandades i fazer.

- Pero de Ponte, responder
vos quer'eu e dizer meu sen:
se ela pode, per alguén,
o ben que lh'el quer, aprender,
sol non lho diga; mais se já
por al non'o pod'entender,
este pesar dizer-lho-à,
e pois servir e atender.

- Don Garcia, como direi,
a quen sempre'[a]mei e servi,
atal pesar, por que des i
perça quanto ben no mund'hei:
de a veer e de lhi falar?
Ca sol viver non poderei,

TEXTO MODERNIZADO

- Dom Garcia Martins, saber
queria de vós uma coisa:
a uma dona a que se quer grande bem
e lhe nada ousa dizer
com medo de que lhe pesarà
e não o possa mais sofrer,
dizei-me se lho dirà
ou que mandais aí fazer.

- Pero da Ponte, responder
vos quero eu e dizer meu juízo:
se ela pode, por alguém,
o bem que lhe quer ele, aprender,
nem mesmo lho digo; mas se já
por outro modo não o pode entender,
este pesar dizer-lho-à,
e depois servir e atender.

- Dom Garcia, como direi
a quem sempre amei e servi,
tal pesar, porque outrossim
perder quanto bem no mundo hei:
de a ver e de lhe falar?
Pois mesmo nem viver poderei,

pois m'ela de si alongar.
E desto julgue-nos el-rei.

- Pero de Ponte, julgar-m'-ei
ant'el-rei vosc'è dig'assi:
pois que per outren, nen per mi,
mia coita non sabe, querrei
dizê-la; e se s'en queixar,
atan muito a servirei;
que, per servir, cuid'acabar
quanto ben sempre desejei.

- Don Garcia, non poss'osmar
con'o diga, nen'o direi;
a que[n] servi semp'r'e anei,
como direi tan gran pesar?

- Pero de Ponte, se m'ampar
Deus, praz-mi que nos julgu'el-rei.

depois dela me afastar.
E disto julgue-nos o rei.

Pero da Ponte, julgar-me-ei
convosco ante o rei e digais assim:
pois que por outrem, nem por mim,
minha coita não sabe, quererei
dizê-la; e se disso queixar,
tanto mais a servirei,
que, por servir, cuido acabar
quanto bem sempre desejei.

- Dom Garcia, não posso imaginar
como o diga, nem o direi;
a quem servi e sempre amei,
como direi tão grande pesar?

- Pero da Ponte, se me amparar
Deus, apraz a mim que nos julgue o rei.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Pero da Ponte e Garcia Martins é uma das poucas tenções de amor preservadas nos cancioneiros galego-portugueses. Nela, da Ponte propõe a questão para o debate: o enamorado deve declarar o seu amor para a sua dama, mesmo sabendo que isso pode lhe causar sofrimento? Enquanto Martins posiciona-se a favor de que o apaixonado revele o seu amor, da Ponte se vê como incapaz de realizar tal ato. Provavelmente, essa tenção está incompleta, uma vez que a finda de Martins tem somente dois versos, ao passo que a de da Ponte possui quatro.

Estrofe 1: Pero da Ponte pergunta o que deve fazer alguém enamorado por uma dona a quem quer muito bem e não ousa dizer o que sente com medo passar por maior sofrimento do que já lhe ocorre por estar apaixonado.

Estrofe 2: Garcia Martins responde que quer fornecer o seu parecer: se a mulher pode aprender a fazer o bem e corresponder ao amor do enamorado ou mesmo não pode lhe recompensar o amor que lhe é

27 Don Garcia Martiins, saber
Tenção entre Pero da Ponte e Garcia Martins

dirigido, ele deve falar como sofre por amor, devendo a servir e esperar com atenção (“atender”, v. 16) por uma possível retribuição dela.

Estrofe 3: Pero da Ponte declara que não tem coragem de confessar o seu sentimento e o seu sofrimento para a mulher a quem sempre amou e serviu, pois, dessa forma, pode perder o que é o seu maior bem no mundo sendo rechaçado por ela: a contemplação da amada. Finaliza a estrofe, apelando para que o rei julgue qual dos dois possui razão.

Estrofe 4: Garcia Martins afirma que defenderá também os seus argumentos diante do rei: se ele ama a uma mulher e sofre de amor por ela, ele confidenciará o seu amor diante dela. Caso ele seja repellido por ela, não deixará de a amar e a servir, sempre que receba dela alguma recompensa pelo seu amor.

Estrofe 5: Pero da Ponte questiona como revelará a sua coita (sofrimento amoroso) por ela e que não consegue imaginar forma de dizer.

Estrofe 6: Garcia Martins manifesta que terá grande prazer em ver os seus argumentos serem julgados pelo rei. Aliás, segundo Correia (1993), aparentemente, Afonso X toma partido de Martins na cantiga de escárnio “Pero da Ponte, par’o vosso mal”.

28

Senhor, eu quer'ora de vós saber

Tenção entre Pero Garcia Burgalês e um interlocutor não identificado

TEXTO MEDIEVAL

Senhor, eu quer'ora de vós saber
pois que vos vejo tan coitad'andar
con amor, que vos non leixa, nen vos ar
leixa dormir, nen comer,
que farei, a que faz mal Amor,
de tal guisa que non dórmio, senhor,
nen posso contra el conselh'haber?

- Pero Garcia, non poss'eu saber
como vos vós possades emparar
d'Amor, segundo quant'é meu cuidar,
que vos non faz muito mal sofrer;
ca tanto mal mi faz a mi Amor,
que se eu fosse do mundo senhor,
dá-lo-ia por amor non haver!

- Senhor, direi-vos que oi dizer
a quen del foi coitado gran sazón:
esse me disse que por oraçon,
per jajuar, per esmola fazer,
ca por aquesto se partiu del Amor;
fazed'esto, quiçá Nostro Senhor
vo-lo fará por esto perder.

TEXTO MODERNIZADO

- Senhor, eu quero agora de vós saber,
pois que vos vejo tão coitado andar
com o amor, que vos não deixa, nem vos também
deixa dormir, nem comer,
que farei, a que faz mal de amor,
de tal maneira que não durmo, senhor,
nem posso perante ele remédio haver?

- Pero Garcia, não posso eu saber
como vós passais para se guardar
do Amor, segundo é meu pensar,
que não vos faz muito mal em sofrer;
pois tanto mal me faz a mim o amor,
que se eu fosse do mundo senhor,
dá-lo-ia pelo amor não haver!

- Senhor, dir-vos-ei o que ouvi dizer
a quem dele foi coitado por grande ocasião:
esse me disse que por oração,
por jejuar, por esmola fazer,
pois por isto se afastou do amor;
fazei isto, porventura Nosso Senhor
vos fará por isso o perder.

28 Senhor, eu quer'ora de vós saber
Tenção entre Pero Garcia Buralês e um interlocutor não identificado

- Pero Garcia, sempre oi dizer
que os conselhos bõos, bõos son;
farei isso, se Deus mi peerdon,
pois lhi per al non posso guarecer;
pois que mi tanto de mal faz Amor,
rogarei muito a Nostro Senhor
que mi dê mort'ou mi o faça perder.

- Pero Garcia, sempre ouvi dizer
que os conselhos bons, bons são;
farei isso, se Deus me dê o perdão,
depois por mais nada posso viver;
depois que tanto mal me faz o amor,
rogarei muito a Nosso Senhor
que me mate ou a mim o faça perder.

Comentários explicativos

Assim como a tenção anterior, essa entre Pero Garcia Buralês e um possível interlocutor não identificado é uma das poucas tenções de amor preservadas da lírica galego-portuguesa. Ela versa sobre como amenizar as dores e inquietações amorosas. Segundo Finazzi-Agrò (1993), essa tenção, possivelmente, seria fictícia, fruto unicamente do labor de Buralês, explicando-se a não menção à identidade do interlocutor.

Estrofe 1: Pero Garcia Buralês quer saber do interlocutor qual é o remédio para curar as dores e angústias do amor, uma vez que os dois sofrem com o mesmo pesar: não conseguem dormir e comer por sofrer com o amor que não os quer deixar seguirem em frente com as suas vidas.

Estrofe 2: O interlocutor declara não saber como Buralês faz para se defender dos efeitos ruins do amor, uma vez que ele sofre de tal forma com o amor que, se fosse o dono do mundo (talvez, Deus), faria com que não existisse amor.

Estrofe 3: Pero Garcia Buralês relata os conselhos de alguém que sofreu muito de amor (“coitado”, v. 16): a oração, o jejum e a prática de dar esmolas podem afastar o amor e os seus sofrimentos, pois Deus se compadece das penas do amor daquele fiel sofredor que se mostra tão misericordioso.

Estrofe 4: O interlocutor reconhece que os bons conselhos são benéficos (“os conselhos bons, bons são”, v. 23) e, por isso, vai seguir aqueles recebidos de Buralês, em razão de não poder mais viver com tamanho sofrimento de amor. Depois de orar, jejuar e dar esmolas, pedirá que Deus (“rogarei muito a Nosso Senhor”, v. 27) que o mate ou faça esquecer o amor.

29

Joan Baveca, fé que vós devedes

Tenção entre Pero Garcia de Ambroa e João Baveca

TEXTO MEDIEVAL

Joan Baveca, fé que vós devedes
que me digades ora ùa ren
que eu non sei, e segundo meu sen,
tenh'eu de pran de vós que o sabedes,
e por aquesto vos vin preguntar:
cantar d'amor de quen non sab'amar,
que me digades porque lho dizedes.

- Pero d'Ambroa, vós non m'oiredes
dizer cantar - esto creede ben -
senon ben feit'e igual; e por en
non dig'estes "bões" que vós fazedes,
ante digo dos que faz trobador
que troba ben e há coita d'amor;
e vós, por esto, non me vos queixedes.

- Joan Baveca, se vós non queredes
os meus cantares dizer ant'alguén,
direi-vos ora como vos avén:
nunca por en contra min per dizedes.
Mais lo que sabe molher ben querer,
ben quanto sab'o asno de leer,
por namorado porque o metedes?

TEXTO MODERNIZADO

- João Baveca, fé que vós deveis
dizer-me agora uma coisa
que eu não sei, e segundo o meu juízo
tenho eu sem dúvida que o sabeis
e por isso vim vos perguntar:
cantar de amor de quem não sabe amar,
o que dizeis sobre o que lhe disse?

- Pero de Ambroa, vós não me ouvireis
dizer cantar — isso crede bem —
senão bem feito e igual; e por isso
não digo estes bons que vós fazeis,
antes digo que o que faz um trovador
que trova bem e tem coita de amor;
e vós, por isso, a mim não vos queixeis.

- João Baveca, se vós não quereis
os meus cantares dizer diante de alguém,
dir-vos-ei agora o que advém:
nunca por isso contra mim dizeis.
Mas quem sabe a mulher bem querer,
bem quanto sabe o asno ler,
por enamorado por que o meteis?

29 Joan Baveca, fé que vós devedes
Tenção entre Pero Garcia de Ambroa e João Baveca

- Pero d'Ambroa, vós mais [non] podedes
saber de min do que vos já dix'en:
os cantares que eu digo fez quen
há grand'amor; mais pois sanha prendedes,
aqui ante todos leix'eu a tençon;
ca, se quiséssedes caber razon,
dig'eu verdad', esto non duvidedes.

- Pero de Ambroa, vós não mais podeis
saber de mim do que já vos disto disse:
os cantares que eu digo faz quem
tem grande amor; mas depois se enfureceis,
aqui diante de todos deixo a tenção,
aqui, se queiras fazer razão,
digo a verdade, isso não duvideis.

Comentários explicativos

Nessa tenção, enfrentam-se o jogral ou trovador Pero Garcia de Ambroa e o jogral ou segrel João Baveca, que, embora sejam criticados, em uma cantiga de escárnio de Pedro Amigo de Sevilha (“Joan Baveca e Pero d’Ambroa”), por iniciarem uma tenção sem conseguirem a terminar, fazem uma tenção acerca de um trovador que faz cantigas de amor sem saber amar/ seguir as regras da arte de trovar. O ataque, a princípio, endereçado por Ambroa a João Baveca é um subterfúgio para atingir o trovador a quem esse jogral ou segrel serve. Sobre a condição socioartística dos dois debatedores, é um índice de igualdade o tratamento que ambos se dirigem na segunda pessoa do plural (vós).

Estrofe 1: Pero Garcia de Ambroa roga pelo amor de Deus (“fé que vós deveis”, v. 1) para que Baveca lhe diga qual é o seu parecer acerca de alguém que faz cantigas de amor, mas não sabe amar/ não segue as normas da arte de trovar. Esse questionamento é uma forma de criticar o próprio Baveca e a outro poeta.

Estrofe 2: João Baveca responde que Ambroa nunca ouvirá ele cantar alguma composição que não seja bem executada e bem concebida segundo a métrica e a versificação. Baveca expõe que entoará as cantigas de um trovador que conhece a arte de trovar e sofre por amor (“tem coita de amor”, v. 13), diferentemente de Ambroa que não sabe compor e, por isso, não pode reclamar que ele não execute as suas cantigas.

Estrofe 3: Pero Garcia de Ambroa rebate que não se importa de Baveca não tocar as suas cantigas, aliás até prefere que ele não o faça, pois assim ele não as estragaria. Ele afirma ainda que o trovador a quem Baveca se reporta conhece tanto sobre como se deve amar uma mulher quanto

um asno sabe ler, perguntando, diante disso, o porquê do adversário chamar a esse homem de enamorado (“por enamorado por que o meteis?”, v. 21).

Estrofe 4: João Baveca declara que não pode dizer mais nada além daquilo que já expôs: o trovador que compõe as cantigas que ele executa possui grande amor, sabendo abordar bem o tema. Dessa forma, ele finaliza a tenção, alegando que Ambroa deve ser razoável (“se queiras fazer razão”, v. 27) e aceite que ele fala a verdade.

30

Vi eu donas en celado

Tenção entre Pero Velho de Taveirós e Paio Soares de Taveirós

TEXTO MEDIEVAL

Rubrica

Esta cantiga fez Pero Velho de Taveiroos e Paai Soarez, seu irmão, a duas donzelas mui fremosas e filhas d'algo assaz, que andavan en cas Dona Maior, molher de Don Rodrigo Gomes de Trastamar. E diz que se semelha-va[n] ùa a outra tanto que adur poderia hom-en estremar ùa da outra; e sendo ambas un dia folgando per ùa sesta en un pomar, entrou Pero Velho de sospeita [e], falando con elas, chego[u] o porteiro e levantou-o end'a grandes empuxadas, e trouve-o mui mal.

Vi eu donas en celado
que já sempre servirei
por que ando namorado;
pero non vo-las direi
con pavor que delas hei,
assi mi han lá castigado!

- Des que essas donas vistes,
falaron-vos ren d'amor?
Dizede, se as cousistes,
qual delas é [a] melhor?
Non fostes conhecedor
quando as non departistes.

TEXTO MODERNIZADO

Rubrica

Esta cantiga fez Pero Velho de Taveirós e Paio Soares, seu irmão, a duas donzelas muito formosas e bastante fidalgas, que andavam em casa de Dona Maior, mulher de Dom Rodrigo Gomes e Trastamar. E diz que se assemelhavam tanto uma com a outra que dificilmente poderia um homem diferenciar uma da outra; e estando as duas folgando para uma sesta em um pomar, entrou Pedro Velho furtivamente e, falando com elas, chegou o porteiro e levando-o daí a grandes empurrões e tratou muito mal.

- Vi eu donas escondido
que já sempre servirei
porque ando enamorado;
mas os seus nomes não direi
com pavor que delas hei,
assim me hão lá castigado!

- Desde que essas donas vistes,
falaram-vos alguma coisa de amor?
Dizei, se as observastes,
qual delas é a melhor?
Não fostes conhecedor
quando não as distinguistes.

- Ambas eran'as melhores
que homen pode cousir:
brancas eran come flores;
nõn'as pudi departir,
tanto san bõas senhores.

- Ali perdeste-l'õ siso
quando as fostes veer,
ca no falar e no riso
podérades conhecer
qual há melhor parecer;
mais fali[u]-vos i o viso.

- Ambas eram as melhores
que um homem pode observar:
brancas eram como flores;
nãõ as pude diferenciar,
tanto são boas senhoras.

- Ali perdestes o juízo
quando as fostes ver,
pois no falar e no riso
poderíeis conhecer
qual há de melhor parecer
mas fálhou-vos o viso.

Comentários explicativos

Essa tenção entre os irmãos trovadores Pedro Velho de Taveirós e Paio Soares de Taveirós apresenta uma rubrica que define bem o contexto que ela tematiza. Segundo a anotação no Cancioneiro da Biblioteca Nacional, Pero Velho estava na casa de Dona Maior (Maior Afonso de Menezes, nobre castelhana, esposa do magnata galego Dom Rodrigo Gomes de Trastamar). Nessa propriedade, também, encontravam-se duas irmãs gêmeas idênticas que faziam a sesta à sombra das árvores frutíferas. Pero Velho, sorrateiramente, aproxima-se delas e mantém uma conversação com as duas, sendo surpreendido pelo porteiro que o repreende a base de empurrões e outras agressões, pois era proibido a um homem falar com jovens desacompanhadas. Diante desse encontro com as jovens, na tenção, Paio Soares quer saber do irmão qual delas é a melhor, ao que este responde que não as consegue distinguir.

Estrofe 1: Pero Velho de Taveirós revela que foi escondido ver as duas irmãs gêmeas por quem agora está enamorado, porém não revelará o nome delas, porque, por conversar com as duas, já foi, severamente, castigado naquela ocasião.

Estrofe 2: Paio Soares de Taveirós pergunta a Pero Velho se elas falaram alguma palavra sobre a questão amorosa quando o irmão as encon-

30 Vi eu donas en celado
Tenção entre Pero Velho de Taveirós e Paio Soares de Taveirós

trou. Paio Soares também quer saber qual das duas era a melhor, uma vez que o irmão com elas esteve e possuiu a chance de as diferenciar.

Estrofe 3: Pero Velho de Taveirós responde que as duas são as melhores jovens que um homem pode contemplar, pois são brancas e belas como as flores. Por isso, ele não pode enganar o irmão, dizendo que as pode distinguir, sendo as duas belíssimas mulheres.

Estrofe 4: Paio Soares de Taveirós sentencia que o irmão perdeu o juízo quando foi ver as duas moças sorrateiramente. Ele ainda assevera que Pero Velho, uma vez que cometeu esse erro, perdeu a oportunidade de diferenciar as gêmeas: algo deveria de as distinguir, seja pelo modo de sorrir ou de falar.

31

Pero Martiins, ora por caridade

Tenção entre Vasco Gil e Pero Martins

TEXTO MEDIEVAL

- Pero Martiins, ora por caridade,
vós, que vos teedes por sabedor,
dizede-mi quen é comendador
eno Espital, ora da escassidade,
ou na fraqueza, ou quen no forniz,
ou quen en quanto mal se faz e diz.
Se o sabedes, dizez verdade.

- Pois, Don Vaasc', un pouco m'ascoitade:
os que mal fazen e dizen son mil:
eno forniz é[ste] Don Roi Gil
e Roi Martiins ena falsidade,
e ena escasseza é o seu priol.
Non vos pod'hom'esto partir melhor;
se mais quise[r]des, por mais preguntade.

- Pero Martiins, mui ben respondestes,
pero sabia-m'eu esto per min,
ca todos três eran senhores í
das comendas - comendadores estes!
E partistes-mi-o tan ben, que m'ê mal;
mais ar quer'ora de vós saber al:
que mi digades de quen'o aprendestes.

TEXTO MODERNIZADO

- Pero Martins, agora por caridade,
vós, que vos considereí conhecedor,
dizei quem é comendador,
e no convento, da avareza
ou na fraqueza, ou quem na fornicção,
ou quem em quanto mal faz e diz.
Se sabeis, dizei a verdade.

- Pois, Dom Vasco, um pouco me escutai:
os que mal fazem e dizem são mil:
e no fornicar é Dom Rodrigo Gil,²
e Rui Martins é na falsidade,
e na avareza é seu prior.
Não pode ninguém vos explicar melhor;
se mais quiser, por mais perguntai.

- Pero Martins, muito bem respondestes
contudo já saiba isto por mim,
que todos os três eram senhores aí
das comendas — comendadores estes!
E explicastes-me tão bem, que me parece mal
mas também quero agora de vós saber mais:
que me dizei de quem tomou conhecimento.

2 Na tenção aparece Roi Gil, mas, como assevera Lopes (2011), “trata-se de D. Rodrigo Gil, freire da Ordem do Hospital, que foi prior da Ordem entre 1233 e 1246, tendo sucedido ao Prior D. Mendo Gonçalves”.

31 Pero Martiins, ora por caridade
Tenção entre Vasco Gil e Pero Martins

- Vós, Don Vaasc', ora me cometestes
d'outros preitos; des i, ar dig'assi:
non mi deu algo, pero lho pedi,
o priol; e fodi e vós fodestes
con Roi Gil; e meus preitos talhei
con Frei Rodrig'e mentiu-mi-os; e sei,
per aquest', a sa fazenda daquestes.

- Pero Martiins, respondestes tan ben
en tod'esto, que fostes i con sén
e trobador; e cuid'eu que leestes.

- [De] vós, Don Vaasco, tod'esso m'é ben;
hei sis'e sei trobar e leo ben;
mais que târdi que mi o vós entendestes!

- Vós, Dom Vasco, agora me desafiastes
noutros assuntos, então também digo assim:
não me deu nada, ainda que lhe pedi,
o prior, e fodi e vós fodestes
com Rodrigo Gil, e assuntos tratei
com Frei Rodrigo e dividiu-os comigo, e sei,
Por isso, sei sobre os assuntos destes.

- Pero Martins, respondestes tão bem
em tudo isso, que agistes sensatamente
E como trovador, e julgo que lestes.

- De vós, Dom Vasco, tudo isso me faz bem,
sou sensato e sei trobar e ler bem
mais tarde do que eu vós entendestes.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Vasco Gil e Pero Martins faz uma crítica dura à Ordem dos Hospitalários. Essa possui como nome oficial de Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta, tendo sido fundada entre o final do século XI e início do século XII (MARCHINI NETO, 2013). Divide-se, administrativamente, em priorados, subdivididos em unidades de base chamadas de comendas que estão submetidas ao jugo de um comendador, daí a referência, na tenção, aos comendadores, datando as comendas da Galícia e de Portugal dos séculos XII e XIII. Inicialmente, a ordem tinha um caráter assistencialista aos peregrinos cristãos na Terra Santa, estando ligada aos Beneditinos. No entanto, a partir de 1118, quando Raimundo de Le Puy assumiu a ordem, houve um processo gradual de militarização dos hospitalários. Essa militarização tinha, entre outros objetivos, aumentar a quantidade e valores de doação, mesmo motivo que fez com que fosse alterado o patrono de São João Esmolier por São João Batista, uma vez que este era mais conhecido no Ocidente do que aquele. Aos poucos, as ordens religiosas de caráter militar receberam críticas, principalmente, pela ganância e mesquinhez, no entanto, segundo Ruy (2011), os hospitalários ficaram incólumes a essas críticas até, ao menos, 1220. Em 1222, o trovador Piere Cardenal compõe uma canção satí-

rica em que os hospitalários são condenados pela sua ganância. Aliás, essa composição de Cardenal é um pouco anterior à tenção dos dois trovadores portugueses que, segundo estimativa de Oliveira (1993), teria ocorrido em meados do século XIII em terras castelhanas, uma vez que Rui Martins, um dos citados por Pero Martins na segunda estrofe, pode ter sido o “comendador de Távora, que aparece na corte de Afonso III [rei de Portugal de 1248 a 1282] em 1250 e 1251” (OLIVEIRA, 1993, p. 650).

Estrofe 1: Vasco Gil pergunta para Martins quem são os comendadores da Ordem do Hospital que são responsáveis pela avareza, pela fraqueza, pela fornicção e pela maldade, intimando o adversário a lhe dizer o que sabe sobre o assunto (“Se sabeis, dizei a verdade”, v. 7).

Estrofe 2: Pero Martins responde que os que praticam maldade são mil irmãos hospitalários, sendo Rodrigo Gil (frei da ordem) o que mais fornicca, Rui Martins (cavaleiro da ordem), o mais falso, e o prior, provavelmente Afonso Peres Farinha (Cfe. LOPES, 2011-), o mais avarento. Para concluir a estrofe, Martins sentencia que ninguém poderia explicar melhor que ele e, caso Gil queira saber mais, que lhe pergunte.

Estrofe 3: Vasco Gil declara que Martins respondeu bem, mas algo que ele já sabia por si próprio: que os três eram senhores das comendas da avareza, da fraqueza, da fornicção e da maldade, sendo assim os que comandam essas práticas (“comendadores estes”, v. 18). Além disso, acrescenta que quer saber o que Martins tem a dizer acerca daqueles que tomaram conhecimento dos erros dos hospitalários.

Estrofe 4: Pero Martins redargui que Gil, naquele momento, o desafiou com outros assuntos, por isso ele declara que, apesar de nada ter recebido, pediu algo ao prior. Ele denuncia que, assim como ele, Vasco Gil também se envolveu em orgias sexuais com Rodrigo Gil (“e fodi e vós fodes/ com Rodrigo Gil”, vs. 25-26). Acrescenta que teve negócios com frei Rodrigo (provavelmente, o prior Rui Pais – “Rui” era a forma abreviada de Rodrigo – LOPES, 2011). Por esses motivos, o trovador assevera que sabe bem sobre o que falou.

31 Pero Martiins, ora por caridade
Tenção entre Vasco Gil e Pero Martins

Estrofe 5: Vasco Gil julga que Martins respondeu muito bem e de maneira sensata como trovador, considerando que o oponente sabe ler, ou seja, possui conhecimento.

Estrofe 6: Pero Martins afirma que Gil respondeu muito bem e autoelogia-se como sensato, bom trovador e leitor/conhecedor. Outrossim, sugere que, assim como ele, o adversário de tenção afastou-se da Ordem do Hospital, apesar de mais tardiamente.

32

Rei D. Afonso, se Deus vos perdon Tenção entre Vasco Gil e Afonso X

TEXTO MEDIEVAL

- Rei D. Afonso, se Deus vos perdon,
desto vos venho [a vós] preguntar;
[si]quer ora punhade de mi dar
tal recado, que seja con razon:
quen dá seu manto, que lho guard'algúen,
e lho não dá tal qual o deu, por en
que manda [i] o Livro de Leon?

- Don Vaasco, eu fui já clerizon
e Degreda soía estudar;
e nas escolas u soía entrar
dos maestros aprendi tal liçon:
que manto d'outren non filhe per ren;
mais se o m'eu melhora, faço ben,
e non são por aquesto ladron.

- Rei Don Afonso, ladron por atal
en nulha terra nunca chamar vi,
nen vós, senhor, non'o oístes a min,
ca, se o dissesse, diria mal;
ante [o] tenho por trajeitador
(se Deus mi valha, nunca vi melhor)

TEXTO MODERNIZADO

- Rei D. Afonso, que Deus vos dê perdão,
disto que venho a vós perguntar;
ao menos agora se esforçais em me dar
tal notícia, que seja com razão:
quem dá seu manto, que lho cuide alguém,
e não lhe devolve tal qual o deu, porém
o que manda o Livro de Leão?

- Dom Vasco, eu já fui estudante
e Direito costumava estudar;
e nas escolas onde costumava entrar
dos mestres aprendi tal lição:
que o manto não tire de modo algum de outrem,
mas se eu próprio o melhora, faço bem,
e não sou por isto ladrão.

- Rei Dom Afonso, ladrão por coisa tal
em nenhuma terra nunca chamar vi,
nem vós, senhor, não ouvireis de mim,
pois, se o dissesse, diria mal;
antes o considero por prestidigitador
(se Deus me valha, nunca vi melhor)

32 Rei D. Afonso, se Deus vos perdon

quen assi torna pena de cendal.

- Don Vaasco, dizer-vos quer'eu al
daqueste preito, que eu aprendi:
oí dizer que trajeitou assi
já ùa vez un rei en Portugal:
houve un dia de trajeitar sabor
e por se meter por mais sabedor,
fez [alguén] cavaleiro do Hespital.

quem assim devolve a pele em sendal.

- Dom Vasco, quero dizer-vos outra coisa
deste assunto, que eu aprendi,
ouvi dizer que escamoteou assim
já uma vez um rei de Portugal:
teve um dia de gracejo propor
e por se meter por mais sabedor,
fez alguém cavaleiro do Hospital.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Vasco Gil e Afonso X, o rei Sábio, faz referência a um manto que o rei teria pego emprestado e, ao invés de devolver a mesma vestimenta, entrega outra melhor que a primeira, resultando em uma discussão acerca dos estatutos jurídicos que envolve tal ação. Essa composição serve também como pretexto para Afonso X criticar um cavaleiro da Ordem do Hospital (sobre essa Ordem ver comentário geral sobre a tenção anterior – “Pero Martiins, ora por caridade”), fazendo referência a um rei português que pode ser Sancho II, que beneficiou os hospitalários e depois foi abandonado por eles na guerra civil que resultou na sua deposição e na ascensão de Afonso III ao trono de Portugal, que, segundo Kurtz (2013), é o rei a quem se refere o monarca castelhano na última estrofe. Segundo Vasconcelos (2004), essa tenção data de 1252, primeiro ano do reinado de Afonso X.

Estrofe 1: Vasco Gil inicia a tenção pedindo perdão a Deus pela pergunta que fará ao rei: o que fala o Livro de Leão (antigo código de leis do reino de Leão, conhecido como “Fuero de León”) sobre alguém que pega um manto emprestado e devolve outro em seu lugar?

Estrofe 2: Afonso X responde que foi estudante de direito e aprendeu a seguinte lição dos seus mestres: se ele pega um manto emprestado e devolve outro melhor, não comete nenhum delito, não podendo ser chamado de ladrão.

Estrofe 3: Vasco Gil declara que, em nenhum lugar, ouviu alguém ser chamado de ladrão por cometer tal ato e nem será ele que assim o fará. Todavia, ele considera o rei um mágico ilusionista (“prestidigitador”, v. 19), aliás o melhor de todos, pois transforma um manto de pele em um de seda (“cendal”, v. 21).

Estrofe 4: Afonso X aproveita para acrescentar outra observação acerca do assunto: um rei de Portugal fez com que algo desaparecesse sem ninguém perceber (“escamoteou assim”, v. 24), tendo a vontade de fazer uma brincadeira (“teve um dia de gracejar sabor”, v. 26) por se considerar mais sábio do que era (“por se meter por mais sabedor”, v. 27), tornou um certo homem incapaz e recoberto de defeitos em um cavaleiro da Ordem do Hospital.

33

Pedr'Amigo, quero de vós saber

Tenção entre Vasco Peres Pardal e Pedro Amigo de Sevilha

TEXTO MEDIEVAL

- Pedr'Amigo, quero de vós saber
ũa cousa que vos ora direi;
e venho-vos perguntar, porque sei
que saberedes recado dizer:
de Balteira, que vej' aqui andar,
e vejo-lhi muitos escomungar,
dize: quen lhi deu end'o poder?

- Vaasco Pérez, quant'eu aprender
pudi desto, ben vo-lo contarei:
este poder ante tenpo d'el-rei
Don Fernando já lhi viron haver;
mais non havia poder de soltar;
mais foi pois u[n] patriarca buscar,
fi'd'Escalhola, que lhi fez fazer.

- Pedr'Amigo, sei-m'eu esto mui ben:
que Balteira nunca home soltou;
e vi-lh'eu muitos que escomungou,
que lhe peitaron grand'algo por en,
que os soltass', e direi-vos eu al:
fi'd'Escalhola non há poder tal
per que solt', ergo seus presos que ten.

TEXTO MODERNIZADO

- Pedro Amigo, quero de vós saber
uma coisa que agora vos direi;
e venho vos perguntar, porque sei
que sabereis o recado dizer:
de Balteira, que vejo por aqui andar,
e vejo-lhe a muitos excomungar,
dizei: quem lhe deu para isso o poder?

- Vasco Peres, quanto eu puder
saber disto, bem vos contarei:
este poder antes do tempo do rei
Dom Fernando já lhe viram haver;
mas não havia poder de livrar;
mas foi depois um patriarca buscar
filho de Escalhola, que lhe fez fazer.

- Pedro Amigo, sei-me disto muito bem:
que Balteira nunca homem livrou;
e eu vi-lhe muitos que excomungou,
que lhe pagaram grande valor porém,
que os livrassem, e dir-vos-ei mais:
filho de Escalhola não tem poder tal
para que livre, a não ser os presos que tem.

- Vasco Pérez, ben de Meca ven
este poder; e poilo outorgou
o patriarca, des i mal levou
sobre si quanto se fez en Jaen
e en Eixarês, u se fez muito mal;
e por en met'en escomunhon qual
xi quer meter e qual quer saca en.

- Pedr'Amigo, esto vos non creio eu:
que o poder que Deus en Roma deu,
que o Balteira tal de Meca ten.

- Vasco Pérez, há x'en Meca seu
poder, e o que Deus en Roma deu
diz Balteira que todo non é ren.

- Vasco Peres, bem de Meca vem
este poder, e, pois, o outorgou
o patriarca, desde aí o mal levou
sobre si quanto se fez em Jaén
e em Jerez, onde se fez muito mal;
e, por isso, mete em excomunhão qual
se quer meter e qual saca disso tal.

- Pedro Amigo, isto não vos creio eu:
que o poder que Deus em Roma deu,
que o Balteira tal de Meca tem.

- Vasco Peres, há em Meca o seu
poder, e que Deus em Roma deu
diz Balteira que todo não é nada.

Comentários explicativos

Essa tenção entre Vasco Peres Pardal e Pedro Amigo de Sevilha debate acerca do envolvimento da soldadeira (mulher que acompanhava os soldados para entretê-los com o canto e a dança) Maria Balteira que, possivelmente, teve um certo poder na corte de Afonso X. A composição ainda parece tematizar o provável aproveitamento de Balteira como dispositivo político na aliança do rei sábio com os Escalholas, família árabe da Andaluzia, na luta contra o rei de Granada, Ibn al-Ahmar. Lopes (2011) assinala ainda que “Maria Balteira é aqui apenas um jocoso pretexto para os dois intervenientes tecerem comentários mais ou menos velados ao comportamento político dos Escalholas na complexa situação então vivida”. É preciso observar que o termo “excomungar” pode possuir vários significados, entre eles o ato de lançar maldições através da magia sobre alguém, o ato de prender ou banir alguma pessoa ou ainda a condenação ao inferno. O mesmo ocorre com as expressões “livrar” e “soltar” que podem se referir a todos os sentidos opostos que cercam o “excomungar”. Ainda, segundo a compreensão de Freixedo (2013), essa tenção possui alto teor erótico, sendo Maria Balteira uma profissional do sexo que levava os clientes à excomunhão, condenando-os, assim como ocorre na punição eclesíastica ao inferno. Ainda, seguindo a lição de Freixedo (2013, p. 387), “estes poderes os recebeu Balteira pelos seus tratos com os Escalholas,

33 Pedr'Amigo, quero de vós saber
Tenção entre Vasco Peres Pardal e Pedro Amigo de Sevilha

família de príncipes andaluzes (os Exkilula) que nesse momento personificavam a maldade, o pior do pior, porque, sendo aliados do rei Afonso X contra o rei de Granada, traíram o pacto selado com ele, mudando de bando, o que ocasionou grandes perdas para o exército cristão”.

Estrofe 1: Vasco Peres Pardal quer saber algo de Pedro Amigo, pois considera que ele conseguirá lhe responder: quem deu o poder para Maria Balteira excomungar muitas pessoas. Aqui, excomungar possui vários sentidos, desde a soldadeira fazer feitiços contra alguém, quanto falar mal de um indivíduo (referência a sua linguagem chula e a sua língua ferina), até a hipótese de ter feito o rei prender ou banir uma pessoa.

Estrofe 2: Pedro Amigo de Sevilha responde que contará tudo o que souber sobre o assunto. Para ele, o poder de Balteira vem desde o reinado de Fernando III, pai de Afonso X, sugerindo, assim, a velhice da soldadeira. Acrescenta que Balteira não tinha poder de livrar ninguém (de alguma arte mágica, da prisão, de soltar alguém que estivesse em seu poder), entretanto o filho de Escalholas, Ibn Mohamad Abd Allah, concedeu-lhe esse poder.

Estrofe 3: Vasco Peres Pardal afirma saber muito bem sobre o assunto. Ele declara que Balteira nunca livrou nenhum homem, apesar de já a terem pago alta soma para que o fizesse. Pardal ainda complementa que o filho de Escalholas não tem o poder de livrar ninguém, a não ser aqueles que são seus prisioneiros.

Estrofe 4: Pedro Amigo de Sevilha responde que o poder de Balteira vem de Meca (cidade sagrada dos muçulmanos), pois ele foi concedido pelo patriarca dos Escalholas. Desde esse momento, ela só causou mal para Jaén e Jerez de la Frontera (cidades da Andaluzia, Espanha) que, já cristãs, retornaram ao poder dos muçulmanos. Por esse motivo, ela excomunga ou livra quem ela quer.

Estrofe 5: Vasco Peres Pardal alega que não crê que Balteira, em Meca, tenha poder semelhante àquele que Deus concedeu em Roma.

Estrofe 6: Pedro Amigo de Sevilha replica que Balteira tem, em Meca, o seu próprio poder que, segundo a soldadeira, é muito maior do que o que Deus legou em Roma.

Referências

- AGUIAR, Rafael Hofmeister de. **Vozes da literatura luso-brasileira:** uma história do improviso poético - dos trovadores medievais aos poetas do Brasil Colônia. 2018. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BARROS, José D'assunção. **Os trovadores medievais e o amor cortês:** reflexões historiográficas. : REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS. Aletheia, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-15, abr. 2008. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/Historia/artigos/i_media/pdf/barros.pdf. Acesso em: 11 mar. 2020.
- CORREIA, Ângela. Garcia Martinz. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- COSTA, Paulo Pinto (org.). **Norma e desvio na Ordem do Hospital. Revista da Faculdade de Letras:** História, Porto, v. 3, n. , p.49-62, fev. 2002. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8224/2/2279.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- FERREIRO, Manuel; PEREIRO, Carlos Paulo Martínez; FONTAÍÑA, Laura Tato. **Normas de edición para a poesía trobadoresca galego-portuguesa medieval.** A Coruña: Universidade da Coruña, 2007. Disponível em: https://www.udc.gal/export/sites/udc/publicacions/_galeria_down/librariadixital/NormaEdicionPoesiaTF.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Pero Garcia Buralês. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- FREIXEDO, Xosé Bieto Arias. **Per arte de foder.** Cantigas de escarnio de temática sexual. Berlim: Frank&Time, 2017.

- KURTZ, William S.. Propuesta de interpretación de Rei D. Afonso, se Deus vos pardom. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, Coimbra, v. 13, p. 67-87, mar. 2013. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/1645-2259_13_2.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Cantigas d'escarnho e de mal dizer: dos cancioneiros medievais galego-portugueses**. Lisboa: Joao Sá da Costa, 1995
- LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011-. [Consulta em set., out., nov. e dez. de 2019 e jan., fev., mar. e abr. de 2020] Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>
- MARCHINI NETO, Dirceu. **A ordem dos hospitalários e os caminhos de Santiago na Galiza medieval. Plurais Virtual**, Anápolis, v. 3, n. 1, p.57-71, mar. 2013.
- MINERVINI, Vincenzo. Men Rodrigues Tenoiro. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- OLIVEIRA, António Resende de. **Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- _____. Vasco Gil. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- RUY, Bruno Masconi. **As Origens da Ordem Militar dos Hospitalários**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2011, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011. v. 1, p. 2543 - 2552. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/93.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- RUY, Bruno Mosconi; REIS, Jaime Estevão dos. **Os hospitalários na Idade Média: de instituição assistencialista à ordem militar: DE INSTITUIÇÃO ASSISTENCIALISTA À ORDEM MILITAR**. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 2., 2011, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Universidade Estadual

de Maringá, 2011. v. 1, p. 1 - 5. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/post/04011.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.

TAVANI, Giuseppe. Lourenço. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Cancioneiro da Ajuda**, vol. II. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1990.

_____. “Uma cantiga de manto”. In: **Glosas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português**. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigen-sis, 2004.

Anexo

Links para as biografias dos autores

Abril Peres

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=2>

Afonso Anes do Coton

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=3>

Afonso Sanches

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=337>

Afonso X

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=11>

Arnaldo

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=21>

Bernal de Bonaval

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=22>

Estêvão da Guarda

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=30>

Garcia Martins

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=51>

Garcia Peres

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=53>

João Airas de Santiago

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=61>

João Baveca

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=62>

João Garcia de Guilhade

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=68>

João Peres de Aboim

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=73>

João Soares Coelho

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=76>

João Vasques de Talaveira

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=79>

Josepe

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=84>

Juão Bolseiro

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=85>

Lourenço

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=88>

Martim Moxa

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=95>

Martim Soares

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=98>

Mem Rodrigues Tenoiro

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=101>

Paio Gomes Charinho

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=115>

Paio Soares de Taveirós

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=116>

Pedro Amigo de Sevilha

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=117>

Anexo

Pero da Ponte

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=121>

Pero Garcia Burgalês

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=127>

Pero Garcia de Ambroa

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=122>

Pero Martins

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=290>

Pero Velho de Taveirós

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=136>

Picandom

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=293>

Rodrigo Anes de Alvares

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=140>

Rui Martins (Cantom?)

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=295>

Vasco Gil

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=153>

Vasco Martins de Resende

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=160>

Vasco Peres Pardal

<https://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?pv=sim&cdaut=154>

